

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

VITÓRIA ELÍS MARTINS FONSECA

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA LITERATURA E
NA FILOSOFIA: UM ESTUDO SOBRE APAGAMENTO E AUTODEFINIÇÃO

Uberlândia
2023

VITÓRIA ELÍS MARTINS FONSECA

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA LITERATURA E
NA FILOSOFIA: UM ESTUDO SOBRE APAGAMENTO E AUTODEFINIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Filosofia da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel e licenciatura.

Área de concentração: Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito de Almeida
Junior

Uberlândia
2023

VITÓRIA ELÍS MARTINS FONSECA

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA LITERATURA E
NA FILOSOFIA: UM ESTUDO SOBRE APAGAMENTO E AUTODEFINIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Filosofia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel e
licenciatura.

Área de concentração: Filosofia.

Uberlândia, 29 de junho de 2023.

Banca examinadora:

José Benedito de Almeida Júnior – Prof. Dr. (orientador – UFU)

Alessandra Carvalho Abrahão Sallum – Me. (arguidora – UFU)

Dedico este trabalho a todas as garotas que correm atrás de seus sonhos e estão buscando o seu lugar no mundo. Nunca desistam.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Vitória Elís de 17 anos por ser tão corajosa ao decidir seguir o seu coração e cursar a Filosofia, indo contra tudo e todos. Sem ela, a Vitória Elís de 22 anos não estaria tão orgulhosa.

Em segundo lugar, agradeço à minha mãe, Claudionice, por ter me ensinado a ler e, conseqüentemente, abrir portas para mundos tão incríveis. Gostaria de agradecer também pelo amor, apoio e por continuar lutando para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Aproveito para agradecer à minha avó, Cárita, pois sem o apoio dela no início de tudo, talvez eu não teria chegado até aqui.

Em terceiro lugar, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao Mikael Barra Nova, meu escudeiro, por estar comigo todos os dias durante a graduação. Por ter me ouvido reclamar, chorar e entrar em desespero, mas também por me fazer rir e me abraçar sempre. Te conhecer foi, com absoluta certeza, a melhor coisa que me aconteceu nessa jornada. Agradeço também à Giovana Zanotto, minha estrela guia. Não consigo deixar de pensar que o Universo te colocou em meu caminho propositalmente para que eu pudesse, no meio desse caos, ter alguém para me segurar e me permitir ser eu mesma, sem restrições. Você fez toda a diferença e sou muito grata por te ter em minha vida – *“i am glad you are here with me. Here are the end of all things”*.

Agradeço a todas as outras pessoas que, de alguma maneira, contribuíram com essa jornada, e destaco algumas: Laura e Olívia por me mostrarem novos universos e por toda a troca de figurinhas; João Victor por incentivar minha ideia de cursar Filosofia e sempre me ajudar com os editais e outras burocracias da UFU; Isadora por ser incrível e estar junto à mim nesse fim de ciclo; Bruno Sunkey por ser simplesmente genial e ter um coração tão grande; Bárbara Raffaele por ter ministrado as melhores aulas no cursinho e sem querer me fazer descobrir minha paixão; Carlos Henrique por ter se mostrado um bom companheiro; Adrielly pelo convívio; Luís Eugênio por contagiar o ambiente com sua leveza; Luan Ferreira pela amizade; Beatriz Miranda por estar ao meu lado sempre; Bruno Augusto por estar presente em grande parte dessa jornada; Nicole Ferreira por me ouvir semanalmente e contribuir com o meu desenvolvimento pessoal.

Agradeço toda a equipe do IFILO, à oportunidade de participar do Paideia PET da Filosofia, aos professores e professoras do Instituto de Filosofia, em especial ao Prof. Dr. Marcos Seneda por sua paciência e orientação em meu primeiro contato com a pesquisa, à Profa.

Dra. Georgia Amitrano por demonstrar o poder das mulheres na Filosofia, e ao Prof. Dr. José Benedito por ser meu mentor e ter aceitado embarcar nas minhas loucuras filosóficas.

Por fim, agradeço às escritoras que me permitiram viver diversas aventuras por meio de suas palavras, aos autores, tradutores e pesquisadores responsáveis por toda a fonte bibliográfica desta pesquisa e que, portanto, contribuíram com o embasamento teórico da mesma, bem como, agradeço à banca de avaliação por fazer parte do encerramento deste ciclo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo dedicar-se à importância da representatividade das mulheres na literatura, e paralelamente a relevância de refletir acerca da presença das mulheres na Filosofia. Desse modo, ele se justifica por demonstrar o apagamento das mulheres nessas duas áreas e explorar alternativas para combater o constructo histórico social machista que impede o pleno desenvolvimento das mulheres. Também pretende atestar que as narrativas das protagonistas Amani (HAMILTON, 2016), Celaena (MAAS, 2016, 2018, 2019, 2022a, 2022b, 2022c), Katniss (COLLINS, 2012), Lia (PEARSON, 2017) e Safira (REGGIANI, 2020) podem influenciar e contribuir com o desenvolvimento pessoal das mulheres. Para isso, o trabalho foi dividido em três capítulos: o primeiro traz uma breve análise sobre a presença das mulheres na literatura enquanto escritoras e personagens, destacando que por muito tempo esse espaço foi dominado por homens. Também apresenta descrições de características das cinco heroínas escolhidas e demonstra a importância e as contribuições que essas personagens causaram no desenvolvimento pessoal da autora desse trabalho. O segundo capítulo aborda dois modelos de jornadas heroicas, a Jornada do Herói Mitológico de Joseph Campbell e a Jornada da Heroína de Maureen Murdock. Também versa sobre os constructos histórico-sociais da condição da mulher baseado na análise de Simone de Beauvoir e, traça um paralelo entre a jornada da heroína e a autodefinição das mulheres. O terceiro capítulo problematiza o apagamento e silenciamento das mulheres no decorrer de toda a história da Filosofia ocidental.

Em suma, com esse trabalho concluo que a jornada do herói de Campbell foi criada com o objetivo de ser universal, mas peca ao não contemplar a jornada interior das mulheres. Ao mesmo tempo, a jornada da heroína resolve esse problema, pois exhibe o processo de identificação das mulheres enquanto sujeitos ao superar os constructos históricos-sociais impostos sobre elas. Com isso, percebi uma linearidade entre a obra de Murdock e a de Beauvoir, pois ambas, à sua maneira, demonstram o movimento de emancipação das mulheres. Por conseguinte, constatei que as personagens aqui utilizadas podem ser consideradas como exemplos práticos, logo, representativos do processo de autodefinição das mulheres, porque expressam a busca pela compreensão de si mesma e de sua natureza interior vivida pelas mulheres. Além disso, concluí que o apagamento das mulheres na literatura e na filosofia persiste até a atualidade e que suas causas são o machismo e o patriarcado.

Ademais, a metodologia utilizada nesse trabalho consistiu na condução de uma pesquisa de cunho bibliográfico, o qual se deu por meio de estudos das obras filosóficas e literárias.

Também foram levantadas questões acerca do motivo para o apagamento das mulheres, bem como acerca da contribuição das personagens para as leitoras. O estudo bibliográfico e as repostas para essas questões resultaram no texto, nos quadros e nas figuras aqui presentes.

Palavras-Chave: Mulheres; Literatura; Filosofia; Representatividade; Personagens mulheres; Jornada da Heroína; Autodefinição.

ABSTRACT

This work aims to dedicate itself to the importance of women's representativeness in literature, and at the same time the relevance of reflecting on the presence of women in Philosophy. In this way, it is justified by demonstrating the erasure of women in these two areas and exploring alternatives to combat the sexist social historical construct that prevents the full development of women. It also intends to attest that the narratives of the protagonists Amani (HAMILTON, 2016), Celaena (MAAS, 2016, 2018, 2019, 2022a, 2022b, 2022c), Katniss (COLLINS, 2012), Lia (PEARSON, 2017) and Safira (REGGIANI, 2020) can influence and contribute to the personal development of women. For this, the work was divided into three chapters: the first brings a brief analysis of the presence of women in literature while writers and characters, highlighting that for a long time this space was dominated by men. It also presents descriptions of characteristics of the five chosen heroines and demonstrates the importance and contributions that these characters caused in the personal development of the author of this work. The second chapter discusses two models of heroic journeys, Joseph Campbell's Mythological Hero's Journey and Maureen Murdock's Heroine's Journey. It also deals with the historical-social constructs of women's condition based on Simone de Beauvoir's analysis and draws a parallel between the heroine's journey and women's self-definition. The third chapter discusses the erasure and silencing of women throughout the history of Western Philosophy.

In short, with this work I conclude that Campbell's hero's journey was created with the aim of being universal, but fails to contemplate the inner journey of women. At the same time, the heroine's journey solves this problem, as it shows the process of identifying women as subjects by overcoming the historical-social constructs imposed on them. With that, I noticed a linearity between Murdock's and Beauvoir's work, as both, in their own way, demonstrate the women's emancipation movement. Therefore, I found that the characters used here can be considered as practical examples, therefore, representative of the women's self-definition process, because they express the search for understanding of themselves and their inner nature experienced by women. In addition, I concluded that the erasure of women in literature and philosophy persists to the present day and that its causes are machismo and patriarchy.

Furthermore, the methodology used in this work consisted of conducting a bibliographical research, which took place through studies of philosophical and literary works. Questions were also raised about the reason for the erasure of women, as well as about the

contribution of the characters to the readers. The bibliographical study and the answers to these questions resulted in the text, tables and figures presented here.

Keywords: Women; Literature; Philosophy; Representativeness; Female characters; Heroine's Journey; self-definition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Caminho da Jornada do Herói.....	26
Figura 2 – Caminho da Jornada da Heroína	28
Figura 3 – Primus Vitam: Revista de Ciências e Humanidade, nº 14 (print da homepage)	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Situação socioeconômica das protagonistas estudadas	20
Quadro 2 – Composição familiar das protagonistas estudadas	21
Quadro 3 – Características psicológicas e motivação das protagonistas estudadas	21
Quadro 4 – Dramas existenciais das protagonistas estudadas.....	22
Quadro 5 – Habilidades das protagonistas estudadas.....	23

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 As Heroínas	12
1.1 As personagens	13
1.2 Importância das heroínas	18
1.3 Análise comparativa das personagens	20
Capítulo 2 As Jornadas Heroicas	24
2.1 A jornada do herói	25
2.2 Trono de Vidro e a jornada da heroína.....	26
2.3 A jornada da heroína, uma perspectiva individual para o processo de tornar-se mulher	35
Capítulo 3 Mulheres na Filosofia	38
3.1 O apagamento das mulheres na Filosofia	39
3.2 A jornada da autora	44
Considerações finais	46
Referências Bibliográficas	49
Literatura	49
Teóricas.....	49
Anexo A	52
Anexo B	56

Introdução

Toda mulher precisa encontrar a própria voz.
[...] Toda mulher que dissipa o mito da inferioridade feminina se torna um exemplo para as outras.

Maureen Murdock,
A Jornada da Heroína

O objetivo desse trabalho é investigar a representatividade das mulheres na literatura, e paralelamente a importância de refletir acerca da presença das mulheres na Filosofia. Esse trabalho se faz relevante porque perpassa duas grandes áreas da existência humana, a literatura e a filosofia, ao mesmo tempo, em que discorre sobre a presença das mulheres nos dois espaços, pois elas eram consideradas incapazes de realizar qualquer atividade intelectual. Isso contribuiu para um apagamento das mulheres, o que gerou, conseqüentemente, a falta de representatividade e visibilidade das mulheres, sobretudo na Filosofia. Essa constatação guiou a minha revolta por mais da metade do curso de graduação, por conseguinte, orientou esse texto, com a finalidade de contribuir para com a mudança dessa situação.

Com esse trabalho, fica perceptível que as mulheres na literatura foram apagadas por muito tempo, mas que reconquistaram o seu espaço e hoje desfrutam possuem mais oportunidades. Tendo em conta a Filosofia, observamos a presença de mulheres desde a Antiguidade, mas percebemos que, se comparada aos homens, o índice ainda é menor, principalmente quando consideramos o espaço acadêmico. Dessa forma, esse texto se justifica por buscar demonstrar essas questões e explorar outras que envolvem alternativas para combater esse constructo histórico social que impede o pleno desenvolvimento das mulheres.

Para isso, no primeiro capítulo fiz uma breve análise sobre a presença das mulheres na literatura enquanto escritoras e personagens, destacando que por muito tempo esse espaço foi predominado por homens. Por conseguinte, apontarei que as personagens mulheres só passaram a refletir fidelidade em suas ações, se comparadas a mulheres reais, quando foram escritas por mulheres. Isso fica evidente nas descrições das histórias das cinco heroínas escolhidas (com suas respectivas obras), Amani (*A Rebelde do Deserto*), Celaena (*Trono de Vidro*), Katniss (*Jogos Vorazes*), Lia (*Crônicas de Amor e Ódio*) e Safira (*Safira de Prata*), as quais carregam diversas características (apresentadas em quadros) que as aproximam de nós e que possibilitam que as leitoras se sintam representadas. Conseqüentemente, demonstrarei a importância e as contribuições que essas personagens causaram no meu desenvolvimento pessoal, a fim de refletir sobre a possibilidade de que isso ocorra com outras leitoras. Assim, no segundo capítulo, a fim de aprofundar essa questão, mostrarei que as jornadas heroicas de Joseph Campbell e Maureen Murdock são referenciais no desenvolvimento de pessoas reais, no entanto, apenas a *Jornada da Heroína* de Murdock abarca por completo a experiência das mulheres e de personagens mulheres. Dessa maneira, foi necessário fazer uma análise explicativa, e para isso, utilizei a personagem Celaena como objeto de estudo. Diante disso, ao refletir sobre os constructos histórico-sociais da condição da mulher, baseado na análise de Simone de Beauvoir,

na obra *O segundo Sexo*, tentarei traçar um paralelo entre a jornada da heroína e a emancipação das mulheres, de maneira que foi possível compreender que as histórias das personagens escolhidas podem ser exemplos práticos que contribuem ativamente no processo de autodefinição e, por conseguinte, de emancipação de garotas e mulheres. Já o capítulo 3, trará uma análise acerca do apagamento das mulheres na Filosofia, a fim de demonstrar as causas e dados que expõe esse apagamento até o presente. Na conclusão será feito um levantamento de tudo o que foi trabalhado ao decorrer dos três capítulos, com o intuito de certificar se os objetivos foram alcançados.

Por fim, está anexado o projeto *Nossas Pensadoras*, realizado durante a minha participação do Paideia - Projeto de Educação Tutorial (PET) de Filosofia, o qual tinha por objetivo divulgar e dar visibilidade aos trabalhos realizados por mulheres, no qual professoras e filósofas puderam apresentar uma introdução ao pensamento de alguma pensadora ou de um tema de viés feminista, por meio de videoaulas que foram publicadas no canal do Youtube¹ do Paideia. Também está em anexo o artigo *A jornada da heroína na saga Trono de Vidro*, realizado em 2022 sob a orientação do Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior, e publicado em 2023 na Revista *Primus Vitam*.

¹ Link de acesso: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLNgUDxNJZDADi050hat-Fxk2vEkScqDog>

Capítulo 1

As Heroínas

Ser forte não significa desenvolver os músculos e exercitá-los. Significa, sim, encontrar nossa própria numinosidade sem fugir, convivendo ativamente com a natureza selvagem ao nosso próprio modo. Significa ser capaz de aprender, e ser capaz de aguentar o que sabemos. Significa manter-se firme e viver.

Clarissa Pinkola Estés,
Mulheres que correm com os lobos

Por muito tempo, as narrativas eram realizadas por personagens homens criados por homens, onde a mulher tinha pouco ou nenhum espaço. As mulheres eram descritas por homens e para os homens, muitas vezes como descontroladas, frágeis, manipuladoras, logo, por qualidades naturais ou por características e por imposições normativas² aplicadas a elas. Na contramão, as personagens mulheres só passaram a refletir um pouco mais de fidelidade em seus atos e vontades perante as mulheres reais quando foram escritas por mulheres. Ademais, é importante destacar que as mulheres não escrevem sobre os homens³, e sim sobre si mesmas ou sobre outras mulheres – é claro que elas criam personagens homens, mas eles não são o foco de suas histórias. Essa presença dos escritos das mulheres só se estabeleceu de fato em meados do século XVIII como aponta Virginia Woolf, em *Um teto todo seu* (2014), veja:

A intensa atividade intelectual que surgiu no fim do século XVIII entre as mulheres – as conversas, as reuniões, a redação de ensaios sobre Shakespeare, a tradução dos clássicos – baseavam-se no fato concreto de que elas podiam ganhar dinheiro com a escrita. O dinheiro legitimava o que era considerado frívolo se não fosse renumerado. (WOOLF, 2014. p. 56)

Com isso, não podemos ignorar que essa atitude moveu algumas barreiras, indo diretamente contra o “grupo enorme de opiniões masculinas que atestavam que nada deveria ser esperado das mulheres do ponto de vista intelectual” (WOOLF, 2014. p. 56). De maneira que essa ruptura provocou uma revolução significativa na literatura, pois permitiu que as mulheres ocupassem mais um lugar, possibilitando, portanto, a forte presença das mulheres na literatura hoje, seja como autora ou personagem.

Antes de adentrar de fato ao capítulo, permita-me fazer uma digressão um tanto importante. Com essa breve apresentação histórica acerca das mulheres na literatura, ocorreu-me o seguinte pensamento “e quanto as mulheres na Filosofia?”, “essa ruptura com a forte presença masculina também aconteceu?”. Para responder a tais questões, demandaria um grande espaço que poderia nos causar uma quebra de raciocínio, portanto, abordarei isso posteriormente, mas apenas para esclarecimentos, as mulheres sempre estiveram presentes na Filosofia, mas parece que essa ruptura está sendo consolidada somente agora.

1.1 As personagens

² Vide o texto *Mulheres fáceis, mulheres difíceis* de Livia Guimarães (2008) presente no livro *Mulheres, Filosofia ou coisas do gênero* organizado por Marcia Tiburi e Bárbara Valle.

³ Vide *Um teto todo seu*. A autora Virginia Woolf discorre sobre isso em sua obra, onde demonstra a disparidade de obras de autores homens sobre as mulheres em seus mais diversos aspectos. Assim ela indaga: “Por que as mulheres são, a julgar por esse catálogo, muito mais interessantes para o homem do que o homem é para as mulheres?” (WOOLF, 2014. p. 32)

Considerando os pontos abordados anteriormente para a realização deste trabalho utilizaremos as protagonistas de cinco histórias diferentes, as quais possuem como único ponto igualitário o seu gênero literário – a literatura fantástica. De acordo com Tzvetan Todorov, a literatura fantástica é definida do seguinte modo:

o fantástico se apoia essencialmente em uma vacilação do leitor – de um leitor que se identifica com o personagem principal – referida à natureza de um acontecimento estranho. Esta vacilação pode resolver já seja admitindo que o acontecimento pertence à realidade, já seja decidindo que este é produto da imaginação ou o resultado de uma ilusão; (TODOROV, 2014. p. 82)

Com isso, pode-se inferir que a literatura fantástica é um gênero literário em que as narrativas estão além do mundo real, assim, estão focadas em um universo imaginário em que se explora elementos sobrenaturais e mágicos que possuem sua própria lógica, onde o leitor pode definir como pertencente ou não à realidade. Além disso, muitas vezes a narrativa fantástica está atrelada ao monomito da jornada do herói mitológico⁴, o qual se trata de uma estrutura padrão presente em todos os mitos e, possui as seguintes características: separação, iniciação e retorno.

Posto isso, trabalharemos com cinco protagonistas: Amani, Celaena, Katniss, Lia e Safira; de cinco histórias diferentes, e claro, de cinco autoras diferentes, a fim de considerar seus aspectos particulares e aspectos compartilhados. Posteriormente será apresentado os significados e contribuições que essas personagens incidiram em mim, e para finalizar apresentarei alguns quadros que demonstram algumas características presentes nessas histórias, as quais podem ser compartilhadas ou não entre as personagens, mas que contribuem para que haja uma conexão entre a obra e leitores.

Amani Al’Hiza é a protagonista da trilogia intitulada *A Rebelde do Deserto*, lançada em 2016 pela autora canadense Alwyn Hamilton. Amani é uma adolescente, pobre e órfã que mora na Vila da Poeira, isolada no deserto, na casa de um tio. Sua mãe morreu muito cedo, enforcada, porque matou o marido, um bêbado que lhe espancava. Sozinha desde pequena ela precisou afiar a sua esperteza, estratégia e habilidade de atirar – mas não se assustou com isso porque era algo totalmente comum em sua vila, pois há uma grande fábrica de armas e pólvora, o que facilitava o acesso das crianças com esse tipo de coisa. O seu destino não é muito diferente das outras moças de sua idade, trata-se de um casamento forçado com um homem mais velho. O único problema é que Amani não quer isso para si, pois seu maior desejo é sair de Vila da Poeira e viver em Izman (capital do país Miraj), assim, ela não se vê satisfeita com a probabilidade de viver presa ali. Entre tantas coisas, a protagonista consegue fugir em meio à uma confusão,

⁴ Para melhor compreensão abordaremos esse tópico no capítulo 2.

ferida e sem dinheiro, e inicia uma aventura pelo deserto disfarçada de garoto, acompanhada de um desconhecido estrangeiro. Seu objetivo era fugir para Izman, mas essa fuga a leva para aventuras e lugares não previstos, e seu destino se torna a base de uma rebelião contra o governo do sultão. Lá ela se descobre apaixonada pelo estrangeiro, faz novas amizades, descobre que é filha de um djinni – uma espécie de divindade – e que tem superpoderes que não sabe controlar. A história de Amani traz uma jovem que vive em um ambiente opressivo e machista, o que a levou a aprender desde cedo como se virar sozinha e se defender, mas ao mesmo tempo traz a perspectiva de uma garota sonhadora que se fez forte e está pronta para ir atrás do que quer.

Nossa segunda personagem a ser analisada é Celaena Sardothien, protagonista da saga *Trono de Vidro*, publicada em 2012 pela autora estadunidense Sarah Janet Maas, composta por 8 livros ao todo. Celaena é uma jovem de 18 anos, considerada a melhor assassina de aluguel do reino de Adarlan. Ela mora em Forte da Fenda, a capital de Adarlan, um país abandonado pela magia e governado por um rei ganancioso. Sua jornada se inicia com a luta pela sua liberdade, isto porque foi presa e sentenciada a cumprir pena em Endovier, uma mina de sal localizada nos confins do reino, onde deverá realizar trabalho escravo, cada dia mais perto da morte. Sua perspectiva muda quando lhe é feita uma proposta inusitada pelo príncipe herdeiro do reino de Adarlan, Dorian Havilliard. O príncipe a contrata para competir em seu nome pelo título de campeã do rei – uma espécie de carrasco particular – a fim de provocar seu pai, e como recompensa Celaena teria o emprego de campeã e em 4 anos conquistaria a sua liberdade. Para Celaena, o que está em jogo é a sua sobrevivência e liberdade, e isso se estende por todos os livros da saga. Nesta história vislumbramos uma personagem geniosa, que instiga todos ao seu redor, e que esconde muitos mistérios por traz da fachada de assassina.

Katniss Everdeen, nossa terceira heroína, é a protagonista da trilogia de romance distópico intitulada de *Jogos Vorazes*, lançada em 2008 pela autora estadunidense Suzanne Collins. Katniss é a mais velha de duas irmãs, tem 16 anos e mora no Distrito 12, um dos 13 distritos de Pangea. Ela assumiu a função de provedora da família, quando seu pai falece, para que sua irmã pudesse ir à escola e ter uma infância boa (dentro das possibilidades) e para que sua mãe pudesse se recuperar da depressão após a morte de seu pai. Katniss caçava e colhia frutos todos os dias, separava uma pequena quantidade para a subsistência de sua família e vendia a maior parte para conseguir comprar aquilo que não era possível caçar. Ela é uma excelente arqueira (atividade que aprendeu com o pai) e aprimorou suas habilidades somente para cuidar de sua família, quando poderia ter simplesmente cruzado os braços e deixado que sua mãe resolvesse essas questões. O Distrito 12 é um dos distritos mais pobres, pois é

basicamente uma vila mineradora de carvão, tudo o que é produzido é importado para o Capitol, e esta distribui outros recursos que não são encontrados ali (alimentos, tecidos, água, energia etc.), do mesmo modo acontece com os outros distritos, uma vez que cada um possui um recurso próprio e diferente. O governo, a fim de impedir rebeliões, promove anualmente o evento Hunger Games, o qual seleciona por meio de sorteio dois jovens de cada distrito, sempre uma menina e um menino. Trata-se de uma competição mortal entre os participantes. Quando sua irmã Prim foi sorteada para participar dos jogos, Katniss a fim de manter a garotinha longe de perigos se oferece como tributo. É a partir desse momento fatídico que se inicia a jornada de Katniss, ela precisa vencer os jogos, pois é o único modo de voltar para casa. O Hunger Games é como um reality show em que vinte-quatro jovens são soltos em uma arena, neste caso, uma floresta, onde enfrentam simulações de fenômenos da natureza e os outros tributos, e apenas uma pessoa vence a competição. O que move a personagem é o pedido que sua irmã lhe faz: “eu só quero que você volte para casa. Você tentará, não tentará? Realmente, realmente tentará?” (COLLINS, 2012. p. 39), de modo que Katniss faz tudo o que é preciso para se manter na competição e sair de lá viva. É importante frisar que seu objetivo é realizar o pedido da irmã, o prêmio nunca foi sua ambição.

Lia é a protagonista da trilogia intitulada *Crônicas de amor e ódio*, escrita pela autora norte-americana Mary E. Pearson, lançado em 2016. Lia tem apenas 17 anos e é uma princesa do reino de Morrighan. Ela nunca gostou muito da vida de princesa, gostou menos ainda quando descobriu que teria de se casar com um príncipe do reino de Dalbreck, a fim de formar uma aliança política que colocaria um ponto final nos conflitos entre esses dois reinos. Além disso, odeia muito mais a sua vida porque nunca exerceu seu papel de Primeira Filha, pois diz a profecia que todas as primeiras filhas teriam o poder de ver o futuro. Essa visão não é constante, mas é super venerada por seu reino, mas Lia nunca a teve. É por causa dessas condições que sua jornada se inicia, pois insatisfeita com tudo isso foge poucas horas antes da cerimônia de casamento ainda vestida de noiva, ao lado de sua amiga/dama de companhia, carregando apenas uma faca e uma pequena mala, rumo a uma cidade distante. Sua fuga é bem-sucedida, assim ela arruma emprego em uma pousada e passa a viver tranquilamente sem toda aquela pressão em seus ombros, até que percebe que está sendo vigiada por dois homens. Ela não sabe quem são, mas um deles é o príncipe abandonado no altar e o outro é um assassino do reino de Venda (um reino distante, tido como bárbaro). Lia não sabe se defender, possui aquela faca, mas mal sabe segurá-la, também não é muito esperta, afinal, que perigos um castelo poderia ter? Sua maior habilidade é contar histórias e isso não é o suficiente para salvá-la. Com isso sua aventura toma

rumos inesperados, pois ela se torna refém e é maltratada pelo komizar (figura de autoridade máxima do reino de Venda), dentre outras coisas. Contudo, a sua habilidade de contar histórias comove os civis desse reino lhe propiciando uma certa liberdade, o que suscita o desenvolvimento de um amor entre ela e o povo que a adotou. Além disso, também descobre que há mais na profecia da Primeira Filha e que seu poder vai além de ver o futuro, a partir disso ela desperta habilidades de estratégia. Entretanto, ainda há o seu objetivo, o qual era trilhar uma nova vida para si mesma sem as amarras que a posição social de princesa lhe impõe, pois ela não queria mais ser silenciada e trancada em seu quarto e, também não quer se casar com um desconhecido. Ela almeja liberdade, amor e, acima de tudo, decidir o que é o melhor para si.

Safira Erklare é a protagonista da duologia intitulada *Safira de Prata*, escrita em 2020 pela autora brasileira Laura Reggiani. Safira é uma jovem⁵, filha única que perdeu a mãe ainda criança, e possui um pai alcoólatra acamado que é mais um fardo do que uma figura de responsabilidade. Por essas condições ela precisa trabalhar em uma taberna a fim manter seu sustento e o vício de seu pai. Sua vida é dura, há dias em passa muito frio ou fome, às vezes sofre assédio sexual em seu trabalho e é alvo de comentários maldosos por sua vizinhança. Tais coisas alimentam seu desejo de sair daquele local, bem como o de dar fim à própria vida, mas seu temperamento é forte e ela se recusa a se entregar a esse destino cruel. Entretanto, sua vida muda da noite para o dia quando é perseguida por dois homens (traficantes de mulheres) ao tentar fugir de sua cidade e uma criatura a salva de ser estuprada e morta. Ela é salva por uma licantropa que a transforma também em licantropa: seres humanos com capacidade de se transformar em lobo. Por isso, ela precisa ir para uma alcateia que está em guerra com outras criaturas, sozinha e sem nada nas mãos. Ela está emocionalmente desgastada e traumatizada, e lidar com esse novo modo de vida e os outros lobos não facilitarão as coisas para ela. Ela não consegue dominar os seus poderes e isso se torna um agravante para a sua situação, pois seus dramas existenciais a impedem de fazer novos amigos e se sentir incluída na alcateia.

Ouso dizer que Celaena, Lia, Safira e Amani são as personagens que mais se aproximam, pois cada uma lutava por sua liberdade, eram movidas por um instinto de salvar a si mesmas, de irem contra a maré imposta sobre elas. Elas não queriam seguir seu destino miserável: morrer presa; casar-se por questões políticas; tornar-se uma prostituta; viver para sempre em sua pequena vila natal. Essas insatisfações as fizeram ter coragem para seguir um novo caminho, o

⁵ Por falta de acesso aos livros da duologia, não é possível precisar com exatidão a idade da personagem, mas acredito que sua idade varia entre 17 e 19 anos.

qual as levou para uma aventura totalmente inesperada e as colocaram a vista de um novo objetivo – salvar seu mundo e seus amigos, mesmo que para isso precisassem arriscar suas vidas. Ademais, a personagem Katniss também luta por sua vida, mas sua motivação é diferente se comparada as outras, pois seu objetivo principal é cumprir a promessa que fez para a irmã, e em segundo plano é movida pela insatisfação/descontentamento com o seu destino.

1.2 Importância das heroínas

Isso posto, gostaria de destacar que essas histórias significam muito para mim como leitora e como pessoa. A superação, a resiliência e a convicção das protagonistas são alguns dos fatores que motivam a mim, autora desse trabalho.

A personagem Amani me ensinou que nada é capaz de parar uma garota, ainda mais se ela souber utilizar uma pistola. Por pura força de vontade ela lapidou essa habilidade até alcançar a sua perfeição, assim era capaz de acertar qualquer coisa distante e de olhos fechados. A história dela é consideravelmente mais leve e traz muitos elementos de nossa realidade, mas não deixa de mostrar que tudo é possível se você quiser e lutar por isso. Amani me inspira a não desistir de meus objetivos, a manter a firmeza e usar todas as habilidades que eu tiver em meu favor. Ela demonstra que é possível manter a cabeça erguida mesmo em um ambiente machista e opressor, mas também é um ótimo exemplo para mostrar que as garotas podem fazer o que quiserem, e mais, serem o que tiverem vontade de ser.

Celaena é dentre todas essas personagens a que mais me cativou, me inspirou e me ensinou. Acredito ser esse o significado que a sua história tem para mim. Foi incrível acompanhar o seu processo e aprender muito com ele. Celaena me mostrou que mesmo quando você se sente sozinha, perdida e incapaz, você ainda é capaz de encontrar o caminho para casa – o caminho para dentro de si; ensinou-me a importância de se fazer boas amizades, o significado de lutar pelos seus sonhos e o valor do amor de si. A personagem começou sua jornada sem nada, totalmente destruída emocionalmente, sozinha e com medo, acompanhada apenas do desejo de ser livre – o desejo mais básico de qualquer ser humano – e mesmo com tão pouco alcançou muito mais do que queria.

Nossa terceira personagem, Katniss Everdeen, me ensinou o valor do amor ao outro e força desse amor ao quebrar barreiras. Em sua jornada, Katniss é movida pelo amor à irmã Prim e posteriormente pelo amor à Peeta (o par romântico). Primeiramente a protagonista ao chegar não pensa duas vezes ao se oferecer como tributo no lugar de sua irmã, e durante os jogos se mantém firme apenas para realizar o pedido de sua irmã. Posteriormente, no terceiro livro

Katniss irá fazer tudo o que pode para salvar Peeta, vê-lo bem e para que eles possam ficar juntos. Há uma questão interessante nisso porque ela demora para perceber que o ama, mas quando entende esse sentimento e vê que ele está em perigo, ela passa a buscar alternativas para salvá-lo, mesmo que isso também a coloque em perigo. A meu ver essa é uma mensagem muito bonita, bem como traz uma perspectiva diferente das outras histórias aqui citadas, pois as outras personagens buscavam de início a realização de suas vontades e a Katniss está na contramão disso, ela sempre pensou nos outros antes de si mesma, no conforto e na felicidade deles, pois a sua maior alegria é justamente vê-los bem.

A personagem Lia me ensinou a ter resiliência. Ela passa por diversas situações em que precisa alterar o seu objetivo e desenvolver novas habilidades. No entanto, o que me fez gostar dela foi a coragem para largar o seu conforto e buscar algo novo, e nessa busca perceber que há coisas muito maiores do que suas vontades, e que vale a pena lutar por essas coisas. Há também a sua valentia e seu esforço para descobrir formas de salvar um povo que não era o seu de naturalidade, mas que precisavam ser ouvidos e de um bom líder que atendesse às suas reivindicações, além da sua bravura para salvar a si mesma sempre que foi preciso. Lia nunca deixou de se ouvir, e de atender ao amor de si, mas nem por isso deixou de ouvir e respeitar os outros.

A personagem Safira, me ensinou que enfrentar seus traumas sozinha e isolar as pessoas que lhe tem afeto geram mais desespero e dor. Assim, não é porque você está ferida que precisa se tornar infeliz e se entregar por completo para essa dor. Em sua jornada, ela demonstrou que muitas vezes o melhor é buscar alternativas de se tornar mais forte, não só exteriormente, mas em seu interior a fim de compreender quem você é e o que te faz bem, ao lado de quem lhe faz bem e se importa com você. Foi justamente a compreensão disso que a salvou, pois sempre foi solitária e passava por muitas dificuldades. Apesar de ter sido salva por uma licantropa quando estava fugindo dos perseguidores, foi a sua teimosia em aceitar que o seu destino seria a morte que lhe garantiu uma oportunidade de escapar, pois isso a impulsionou a lutar mais um pouco por sua vida. Já em meio a alcateia, buscando seu lugar ali, completamente destruída interiormente, ela se abre para as pessoas que desejam a sua amizade, e descobre que as pessoas são capazes de lhe ter carinho e de lutar para tê-la ali junto a eles. Com isso, ela aprende os modos para superar seus traumas, para conhecer a si mesma e para ser capaz de receber e doar afeto.

Posto isso, o intuito desse testemunho, acerca da contribuição que essas personagens geraram para mim, é partir da possibilidade de que essas contribuições podem se estender para

outras garotas. Desse modo, acredito que a jornada dessas protagonistas pode auxiliar na busca do reconhecimento individual de cada garota e mulher que leram essas histórias em algum momento de suas vidas. Como visto, elas trazem aspectos do cotidiano, por exemplo: algumas barreiras a serem transpostas, alguns valores e a luta interna com os sentimentos e os desejos. Além disso, essas histórias estão de algum modo conectadas com a jornada da heroína, a qual tem por objetivo ilustrar o caminho a ser percorrido pelas mulheres que almejam encontrar o conhecimento interior e a compreensão de si mesmas.

1.3 Análise comparativa das personagens

A seguir inseri quadros que demonstram algumas características presentes nessas histórias, as quais podem ser compartilhadas ou não entre as personagens, mas que contribuem para que haja uma conexão entre a obra e leitores. Além disso, todos os quadros exibem explicações para a escolha dos critérios que as compõe.

Quadro 1 – Situação socioeconômica das protagonistas estudadas

Situação socioeconômica	Protagonistas				
	Amani	Celaena	Katniss	Lia	Safira
Nobre		X		X	
Plebeia	X				X
Rica		X		X	
Pobre	X		X		X

Fonte: quadro de minha autoria.

Este quadro traz em destaque a situação socioeconômica das protagonistas, para isso foram considerados os seguintes critérios: sistema político de cada saga, a posição social que cada personagem ocupa e a situação financeira de cada uma. Com base nisso, separei em 4 classes econômicas para que o quadro apresente certa praticidade. Nestes cinco universos perpetuam-se de forma geral os modelos de monarquias e totalitarismos, ou seja, são modelos soberanos. Em *Trono de Vidro* (Celaena), *Crônicas de amor e ódio* (Lia) e *Safira de Prata* (Safira) os sistemas políticos são monarquias. Em *Rebelde do Deserto* (Amani) há um sultanato. Já o universo de *Jogos Vorazes* (Katniss), não há realeza, mas há um totalitarismo extremamente forte revestido de república, onde Capitol é a cidade em que fica a sede do governo e onde todas as pessoas livres são ricas. Os pobres ficam distribuídos entre os 13 Distritos, como é o caso de Katniss.

Quadro 2 – Composição familiar das protagonistas estudadas

Família	Protagonistas				
	Amani	Celaena	Katniss	Lia	Safira
Mãe			X	X	
Pai				X	X
Irmãos			X	X	
Órfã	X	X			
Tutor		X			

Fonte: quadro de minha autoria.

Para este quadro foram utilizados como critérios os entes familiares apontados por cada protagonista. É interessante destacar que o núcleo familiar de todas as personagens escolhidas é inspirado no modelo ocidental de família, ou seja, possui como componentes: pai, mãe e irmãos. Além disso, a presença ou ausência dos familiares é uma razão que pode ser considerada problemática e geralmente é um dos fatores que faz os personagens iniciarem a sua aventura, considerando a análise de Joseph Campbell em *O herói de mil faces* (1997). Desse modo, um quadro acerca disso se fez importante.

Quadro 3 – Características psicológicas e motivação das protagonistas estudadas

Características psicológicas e motivação	Protagonistas				
	Amani	Celaena	Katniss	Lia	Safira
Vingança				X	X
Busca pela Liberdade	X	X		X	X
Amor a outrem			X	X	
Revolta	X	X	X	X	X
Desejo de mudança	X	X	X	X	X
Egoísmo	X	X		X	
Insatisfação	X	X		X	X

Fonte: quadro de minha autoria.

Este quadro tem como objetivo apresentar algumas características psicológicas presentes nas personagens e algumas características utilizadas por elas como motivação, as quais nos aproximam e possibilitam nos reconhecer nessas personagens. O egoísmo, a revolta e a insatisfação podem ser consideradas como características psicológicas, pois estão atreladas aos desejos e sentimentos não realizados. Já a vingança, a busca pela liberdade, o amor a outrem

e o desejo de mudança são considerados motivadores porque são como impulsos que as levam encaminhar-se para os seus objetivos.

Quadro 4 – Dramas existenciais das protagonistas estudadas

Dramas existenciais	Protagonistas				
	Amani	Celaena	Katniss	Lia	Safira
Depressão		X			X
Luto		X	X	X	
Medo	X		X	X	X
Remorso	X	X			X
Traumas		X			X
Culpa	X	X	X		

Fonte: quadro de minha autoria.

O quadro de dramas existenciais traz os sentimentos que tornam as personagens mais humanas e próximas de nós. Com esses sentimentos é mais fácil nos colocarmos nos lugares delas, bem como nos sentirmos representadas. Consideremos alguns: Amani carrega consigo, no primeiro livro da trilogia *A Rebelde do Deserto*, o remorso por ter deixado seu único amigo, Tamid, para trás ao fugir e por tê-lo visto sofrer nas mãos de um general quando a culpa do ocorrido era dela; A depressão de Celaena se mostra claramente em mais de um livro da saga, mas em *Trono de Vidro*, isso é posto já no primeiro capítulo e mostra uma pessoa que está sofrendo muito, não só pelas condições impostas do trabalho escravo, mas por tudo o que ocorreu antes de ela chegar até ali – há um mix de culpa, medo, luto e muitos outros sentimentos – que contribuem para que ela esteja prestes a fazer algo irreversível; O luto de Lia se apresenta no segundo livro da trilogia, mas possibilita uma nova perspectiva para a personagem. O luto dela se refere ao seu irmão e aos amigos e soldados dele, os quais foram tentar salvá-la e são massacrados. Lia os encontra despedaçados em meio a um campo, e em seu sofrimento decide enterrá-los, cavando com as próprias mãos. O medo de Katniss se apresenta de dois modos, o primeiro quando é chegada a hora do sorteio para definir quais tributos irão para o Hunger Games, e o segundo momento quando está na arena e quase é morta, seja pelos participantes ou pelas provas do jogo. Katniss tem muito medo de não conseguir vencer o jogo e cumprir a promessa que fez para a irmã; Por último, mas não menos importante, trago os traumas de Safira. Ela quase foi estuprada e morta em uma única noite, além de ter sido transformada em uma licantropa. Todas essas coisas, somadas a descoberta de um novo mundo e modo de vida, contribuiu para a dificuldade de Safira em se relacionar com as pessoas, e a dor dos traumas faz com que sua loba interior se retraia e não seja capaz nem de se defender.

Quadro 5 – Habilidades das protagonistas estudadas

Habilidades	Protagonistas				
	Amani	Celaena	Katniss	Lia	Safira
Destreza	X	X	X	X	X
Estratégia	X	X	X	X	
Resistência física	X	X	X		X
Uso de armas	X	X	X	X	X
Combate corpo a corpo	X	X	X		X
Transformação		X			X
Magia	X	X		X	
Superpoderes (super força/velocidade etc.)		X			X

Fonte: Quadro de minha autoria.

O quadro com as habilidades se faz necessária porque, como apresentado anteriormente, todas essas histórias, de acordo com Todorov, fazem parte do gênero maravilhoso (um dos gêneros que a literatura fantástica sobrepõe), o qual proporciona ambientes em que o sobrenatural não precisa ser justificado, pois é parte intrínseca daquela realidade. Desse modo, as habilidades são esses elementos sobrenaturais, logo, características de destaque extremamente importantes para a ambientação e o desenvolvimento dessas histórias, pois estão fora da lógica de nossa realidade. Além disso, essas habilidades são fatores que tornam as personagens diferente de nós, no entanto, não são o que atraem os leitores porque o que de fato atraem são os dramas existenciais e o modo como elas lidam com esses dramas.

Neste capítulo foi possível apresentar uma breve síntese acerca da presença da mulher na literatura, com base na análise do tema feita anteriormente por Virginia Woolf. Além disso, apontei o que é a literatura fantástica e alguns elementos que a incorporam, e exibi algumas personagens e um pouco de suas histórias. Tudo isso foi feito com o objetivo de demonstrar a sua importância e as características que as aproximam de nós, bem como as contribuições que essas personagens causaram no meu desenvolvimento pessoal, e por conseguinte, tratei da possibilidade de o mesmo ocorrer com outras mulheres, a fim de introduzir o próximo capítulo, em que serão abordadas com mais precisão as jornadas heroicas e suas influências sobre as mulheres.

Capítulo 2

As Jornadas Heroicas

A partir de agora, versarei acerca de duas jornadas heroicas: a Jornada do Herói Mitológico de Joseph Campbell e a Jornada da Heroína de Maureen Murdock. Pode-se considerar ambas as jornadas como norteadoras para o desenvolvimento de uma personagem e para o desenvolvimento de pessoas reais. Tratar delas se faz importante porque há uma presença muito forte dos elementos dessas jornadas nas histórias aqui utilizadas, além de que se estamos considerando que as narrativas podem contribuir para o desenvolvimento individual de mulheres reais, é necessário explicar o motivo, o qual só ficará claro com o entendimento dos esquemas das jornadas. Desse modo iniciarei com uma explicação geral acerca da Jornada do Herói e posteriormente faremos uma análise explicativa da Jornada da Heroína utilizando a saga *Trono de Vidro* como objeto de estudo.

2.1 A jornada do herói

Joseph Campbell foi um professor, escritor e grande estudioso dos mitos. No prefácio da edição da obra *Deusas: os mistérios do divino feminino* do autor, Rossi afirma que “todos os mitos e épicos estão ligados na psique humana e são manifestações culturais da necessidade universal de explicar realidades sociais, cosmológicas e espirituais” (CAMPBELL, 2015. p. 347). A partir dessa noção Campbell publica o livro *O herói de mil faces* (1997), a fim de demonstrar que há um único padrão de jornada heroica e que todas as culturas partilham dele, ou seja, há uma estrutura presente em todos os mitos.

Essa estrutura, anteriormente citada, é o monomito, ele possui três limiares: separação, iniciação e retorno, e recebe o nome de Jornada do Herói Mitológico. Ademais, é importante destacar que o autor também demonstrou que em cada um desses limiares há vários estágios que os compõe e os explicou em seu livro⁶. Além disso, Campbell notou que o monomito é também é utilizado em fábulas e contos de fadas. Desse modo, ele pode ser utilizado como roteiro para criar diversas histórias, inclusive, as histórias das personagens utilizadas neste trabalho se enquadram nessa estrutura, mesmo com as suas particularidades. Posto isso, abaixo segue uma figura que mostra o caminho da jornada do herói. Veja:

⁶ Para melhor compreensão acerca dos limiares e estágios da Jornada do Herói Mitológico, vide *O herói de mil faces* (1997).

Figura 1 – Caminho da Jornada do Herói



Fonte: A figura foi feita seguindo a descrição de Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*, pela autora deste artigo em colaboração com sua amiga Giovana Zanotto.

Ademais, é válido destacar que a Jornada do Herói pretendia ser um modelo universal, mas ainda traz em si um referencial/arquétipo masculino, que perpetua machismos e não engloba a trajetória das mulheres, pois elas aparecem apenas como ajudantes ou obstáculos. Tendo em consideração o que foi visto anteriormente, percebemos que há um constructo filosófico e prático presente na existência das mulheres, o qual se dá porque a essência e o papel das mulheres foram, por muito tempo, definidos pelos homens. Sendo, portanto, uma tarefa importante refletirmos sobre a existência das mulheres fora desse pensamento machista. Em vista disso, para encontrar um referencial que englobe a trajetória das mulheres por completo buscamos a *Jornada da Heroína* de Maureen Murdock, a qual analisarei a seguir.

2.2 Trono de Vidro e a jornada da heroína⁷

Sobre a *jornada da heroína* Maureen Murdock, uma psicoterapeuta jungiana, diz o seguinte: “Escrevi a jornada da heroína há quase 30 anos, para descrever uma alternativa ao

⁷ Essa análise explicativa da *Jornada da Heroína* de Maureen Murdock utilizando a saga *Trono de Vidro* de Sarah J. Maas como objeto de estudo é parte do artigo *A jornada da heroína na saga Trono de Vidro*, escrito por mim sob a orientação do Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior, publicado na *Revista Primus Vitam* nº 14, disponível em: https://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_vitam_14.htm

estereótipo egóico da jornada do herói masculino”. (2022, p. 17), ou seja, uma alternativa à jornada de Campbell. A jornada da heroína surgiu quando a autora percebeu um descontentamento em si mesma e em várias mulheres. Ela descreve como percebeu esse descontentamento na seguinte passagem: “ao perceber os danos físicos e emocionais que as mulheres sofrem nessa missão heroica, concluí que o motivo para tanta dor é o fato de terem escolhido seguir um modelo que renega quem elas são” (MURDOCK, 2022. p. 21-22).

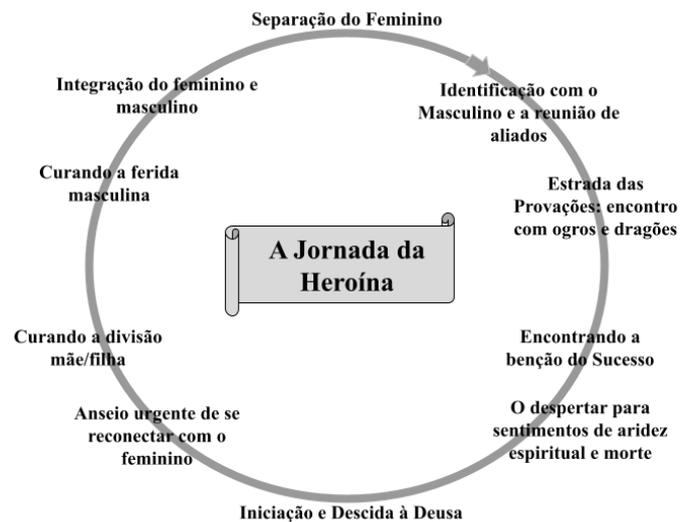
Por conseguinte, Murdock estabelece que a jornada da heroína “é a missão [da mulher] de acolher por completo sua natureza feminina, aprendendo a se valorizar como mulher e a curar a profunda ferida do feminino.” (MURDOCK, 2022. p. 23). Sendo assim, é possível dizer que a jornada da heroína tem por objetivo final a cura da divisão entre a mulher e sua natureza feminina, pois com essa cura pode-se alcançar o sucesso esperado, juntamente com a compreensão e o reconhecimento de si mesma. Além de ser uma tentativa de exemplificar, de maneira melhor, a jornada das mulheres em uma cultura predominantemente masculina.

Retornando as mulheres que assumiram a jornada heroica masculina, Murdock afirma em seu texto que essas passaram a integrar grupos predominantemente masculinos, se afastaram de outras mulheres e fizeram tudo para alcançar o sucesso (independente de qual for). Em consequência disso, é possível compreender que as mulheres ao assumirem a jornada do herói passam a ser respeitadas e aceitas como iguais entre os homens. No entanto, Murdock diz que o preconceito e as piadinhas se mantêm, e as mulheres mesmo entre “iguais” não são recompensadas igualmente. Essas mulheres a fim de manterem tal posição precisam se destacar e muitas vezes se desdobrar, ou seja, se tornarem a pessoa que melhor executa o serviço, precisam manter uma postura rígida diante dos outros, entre outras coisas. Posto isto, fica explícito o quanto a jornada do herói impõe um novo papel para as mulheres e subverte o que elas realmente são.

A partir deste momento, analisarei *Trono de Vidro* sob a luz do esquema criado por Murdock. Antes de prosseguirmos é importante frisar que Maas lançou o primeiro livro da saga *Trono de Vidro*, intitulado com o mesmo nome, porém após o lançamento do segundo livro (*Coroa da Meia-Noite*), a escritora lançou o livro *Lâmina da Assassina* que traz vários contos sobre a história de Celaena antes de ser presa, ou seja, os acontecimentos desse livro se passam anteriormente a história de *Trono de Vidro*, e é com ele que temos o primeiro estágio da jornada de nossa heroína.

Posto isso, vamos à estrutura, ela é composta de 10 estágios, como demonstrado na imagem à seguir:

Figura 2 – Caminho da Jornada da Heroína



Fonte: A figura foi feita seguindo a descrição de Maureen Murdock em *Jornada da Heroína*, pela autora deste artigo em colaboração com sua amiga Giovana Zanotto.

1: *Separação do feminino*: nesse estágio ocorre uma rejeição do feminino interior. Aqui a heroína abraça a visão de feminino imposta pela sociedade patriarcal e, ao mesmo tempo, rejeita a sua natureza feminina. Com isso, é possível notar que há uma diferença entre a visão que a sociedade possui do feminino e o feminino interior. Isso efetua-se porque a visão patriarcal coloca o feminino como algo frágil, manipulador, dependente, inferior etc. Entretanto, a natureza feminina é totalmente diferente disso, pois de acordo com a autora, o feminino (e o masculino) são forças criadoras presentes em todas as pessoas. Assim, quando as mulheres abraçam o feminino exterior passam a se identificar com o masculino, e a considerar a natureza feminina como algo sem valor e o rejeitam, tomando para si apenas a visão cruel do feminino.

2: *Identificação com o masculino e a reunião de aliados*: aqui a heroína abarca um novo modo de vida, portanto, abraça o masculino e se identifica com ele. Sendo assim, é nesse estágio que a mulher assume a jornada heroica masculina para si, “querem provar que são inteligentes e competentes, que são emocional e financeiramente independentes” (MURDOCK, 2022. p. 26), para demonstrar que a visão do feminino imposta pela cultura masculina – manipulador,

dependente e inferior – é falsa, e que as mulheres podem ser e agir igualmente aos homens. Nesse estágio também temos a *reunião de aliados*, os quais podem “assumir a forma de um pai, um namorado, um professor, um chefe ou um treinador” (MURDOCK, 2022. p. 56). Eles são buscados porque apresentam um caminho bem sucedido, e porque a heroína ao “procurar a aprovação e a aceitação do pai [e dos outros], ela mede a própria competência, inteligência e seu valor próprio” (MURDOCK, 2022. p. 51).

Em *Lâmina da Assassina* tem-se um vislumbre das aventuras de Celaena e de seu treinamento para ser a melhor assassina. Considero que, neste livro, temos esses dois primeiros estágios (*Separação do feminino e Identificação com o masculino*) porque a atividade de assassina é predominantemente masculina e não é esperado que uma mulher exerça essa função. Ao mesmo tempo percebemos que a personagem se esforça muito para a ser a melhor, mas não necessariamente para agradar a si mesma, e sim para que ela seja aprovada por seu mestre, seja respeitada e aceita dentro dessa função pelos homens/assassinos.

Além disso, considero que em *Trono de Vidro*, fica mais evidente a *identificação com o masculino*. Isso porque neste ponto Celaena é uma assassina altamente qualificada, só que agora extremamente revoltada e egoísta. Tudo o que importa para si é conseguir a sua liberdade, e ela não se ressentemem um pouco quando pensa que essa liberdade será fruto de muito sangue e um vínculo direto com um tirano. Aqui também há a *reunião de aliados*, os quais são: o príncipe Dorian e o capitão da guarda Chaol, pois são eles que irão apoiá-la na competição para se tornar a campeã do rei. Além deles, há a princesa estrangeira Nehemia que se torna uma grande amiga de Celaena.

3: *Estrada de provações: encontro com ogros e dragões*: esse é o momento em que, de fato, a heroína sai para a sua jornada. Os ogros e dragões são metáforas que Murdock utiliza para demonstrar aqueles que estarão tentando dissuadir a heroína de seguir o caminho que escolheu, e fazem parte de forma externa e interna da jornada. Os ogros e dragões externos são aqueles que “aparecerão no caminho da heroína para testar sua resistência, sua determinação e sua capacidade de estabelecer limites” (MURDOCK, 2022. p. 69) e aqueles que “estarão lá guardando a dádiva, dizendo-lhe que ela não vai conseguir, que ela na verdade nem quer fazer isso, que há muitas outras pessoas mais qualificadas à sua frente” (2022. p. 69). Quanto aos ogros e dragões internos Murdock se refere aos pensamentos autodestrutivos da heroína, sua indecisão, suas dúvidas e seus medos. Assim, a autora acrescenta que “durante o caminho de provas, a mulher transcende os limites de seu condicionamento. É um momento particularmente angustiante, uma aventura repleta de medos, lágrimas e traumas” (2022. p. 83).

Em minha perspectiva a estrada de provações de Celaena ocorre concomitantemente em dois livros: *Trono de Vidro* e *Coroa da Meia-Noite*. Em *Trono de Vidro* Celaena precisa enfrentar os outros competidores, bem como seres sobrenaturais, os quais ela descobre que estão no castelo a fim de matar alguns competidores antes das provas finais. Em *Coroa da Meia-Noite* Celaena precisa lidar com mais seres sobrenaturais e matar os alvos a mando do rei. Outrossim, nesse livro também há a presença dos ogros e dragões internos, e isso se dá porque nossa heroína se descobre traída por várias pessoas. Em primeiro lugar, por sua amiga Nehemia, pois essa orquestrou a própria morte em segredo a fim de despertar alguns sentimentos que Celaena tanto busca reprimir. Em segundo lugar, a traição de Chaol – agora namorado de Celaena – o qual descobriu anteriormente que Nehemia seria morta, mas omitiu a informação para nossa heroína. A partir desse momento Celaena cria sentimentos de tristeza, raiva e repulsa por Chaol, por Nehemia e por si mesma.

4: *Encontrando a benção do sucesso*: aqui a heroína consegue superar os obstáculos do estágio anterior e alcança o sucesso, seja ele profissional ou pessoal, de modo que “ela conquistou o poder, o reconhecimento e o sucesso no mundo exterior” (MURDOCK, 2022. p. 84).

Após a descoberta dos seres sobrenaturais, ao fim de *Trono de Vidro*, Celaena enfrenta e vence um desses seres, mas também vence a competição e se torna a campeã do rei. É importante observar que nem sempre, no processo de criação literária, as jornadas são seguidas passo a passo, observamos por exemplo que, Maas não seguiu por completo a ordem das jornadas heroicas apresentadas, por isso ao seguir o linear da história esse estágio ocorre anteriormente à *Estrada de provações* em *Coroa da Meia-Noite*.

5: *O despertar para sentimentos de aridez espiritual e morte*: nesse estágio a heroína percebe que seu sucesso é temporário e ilusório, assim, ela passa a enfrentar novos obstáculos sempre que sente esse desconforto. Essa obsessão para resolver outras barreiras e se sentir realizada é uma maneira de fugir e impedir de sentir a perda do sucesso, e de sentirem que tudo o que fizeram foi insuficiente. Desse modo, Murdock afirma: “no anseio de se livrar das associações negativas com o feminino, nossa heroína acabou por criar um desequilíbrio dentro de si mesma que a deixou arrasada e com cicatrizes” (MURDOCK, 2022. p. 27).

Ao fim de *Coroa da Meia-Noite*, juntamente com Chaol, descobrimos que Celaena na verdade se chama Aelin Ashryver Galathynius, e é a princesa e única herdeira viva do trono de Terrasen. Nesse ponto da história Celaena está devastada com as provações que enfrentou. No entanto, é em *Herdeira do Fogo* que os sentimentos de aridez espiritual realmente se

desabrocham, tanto pelo acontecimentos passados, quanto por sua mais nova missão: ir para Wendlyn assassinar o rei e o príncipe Ashyriver. Esses sentimentos não se afloram porque ela precisa assassinar seus parentes, mas sim porque vê que o príncipe Ashyriver é como sua amiga Nehemia – ambos lutam com afinco por seu povo, a fim de libertá-los das garras do rei de Adarlan – enquanto ela, princesa herdeira, se esconde em uma máscara de assassina há 10 anos, deixando o seu povo abandonado. A partir dessa percepção ela decide não matar os monarcas de Wendlyn, mas decide ir atrás de sua tia Maeve a fim de conseguir algumas informações para derrotar o rei de Adarlan e salvar o povo de sua amiga. Apesar de sua bela motivação, nossa heroína insiste em salvar outro reino e se apresentando como Celaena, a assassina, e não como princesa herdeira de Terrasen.

6: *Iniciação e descida à Deusa*: durante essa parte da jornada a heroína está em crise com a percepção de que seu sucesso e modo de vida são insuficientes e, é neste ponto em que se inicia a descida à Deusa. “A descida se caracteriza como uma jornada ao submundo, uma noite escura da alma, o ventre da baleia, o encontro com a deusa das trevas ou, simplesmente, como uma depressão. Geralmente, é precipitada por uma perda transformadora” (MURDOCK, 2022. p. 110). Com isso Murdock dirá:

Pode haver um período aparentemente interminável de ausência de rumo, tristeza e fúria; de deposição reis; de busca pelas partes perdidas de si mesma e encontrar o feminino sombrio. Essa etapa pode levar semanas, meses ou anos e, para muitas mulheres pode envolver um tempo de isolamento voluntário – um período de escuridão e silêncio, de aprendizado da arte de ouvir profundamente a si mesma outra vez: de *ser* em vez de *fazer*. (MURDOCK, 2022. p. 28)

Aqui a heroína se sente sozinha e abandonada, pois “a mulher pode se sentir nua e exposta, seca e frágil ou em carne viva e virada pelo avesso” (2022. p. 110). Ademais, Murdock comenta que seu regresso é diferente, pois “as mulheres encontram o caminho de volta a si mesmas não se movendo para a luz, para o alto e para fora como os homens, mas descendo para as profundezas do solo de seu ser” (2022. p. 111).

Temos um vislumbre desse estágio em *Herdeira do Fogo*. Aqui Celaena está totalmente quebrada. Ela percebe que não há salvação para o que ela se tornou. Veja algumas passagens: “As dores eram, de certa forma, apaziguadoras. Não reconfortantes, mas distraíam... Eram bem-vindas. Merecidas” (MAAS, 2022. p. 53); “não conseguia se lembrar de qual era a sensação de ser livre” (MAAS, 2022. p. 86); “Não havia nada que pudesse ser feito para consertá-la.” (MAAS, 2022. p. 264)

A fim de conseguir as informações que tanto procura, ela decide aceitar a proposta de sua tia: treinar seus talentos mágicos com o príncipe féérico Rowan Whitetorn e, quando

conseguir pleno controle dos poderes se apresentar a ela. Resumidamente, Celaena treina com o guerreiro (o qual descobrimos que também está quebrado), e trabalha na cozinha da fortaleza dos semiféericos – o local para o qual foi enviada para treinar. O treinamento é longo e duro, pois Celaena não acessava sua magia há 10 anos e porque não se permite senti-la, por medo de se reconectar consigo mesma. Considero que aqui temos a *descida à Deusa* porque a descida é a única forma que nossa heroína possui para conseguir acessar o seu poder.

7: *Anseio urgente de se reconectar com o feminino*: é nesse período em que a heroína percebe que precisa se reconectar com o feminino, assim Murdock dirá que “ela sente o desejo de desenvolver aquelas partes de si mesma que foram para o subterrâneo na busca heroica: seu corpo, suas emoções, seu espírito, sua sabedoria criativa” (MURDOCK, 2022, p. 132). Portanto, é aqui que a heroína começa a traçar o caminho de volta a si mesma, diferente do seu estado inicial.

Em *Herdeira do Fogo* enquanto Celaena treina seus poderes também desenvolve um laço de amizade com Rowan e, ao mesmo tempo o ajuda a desvendar casos de assassinatos que ocorreram nas redondezas. Nesse ponto ela já consegue dominar consideravelmente seus poderes, bem como se sente motivada a treinar mais e desvendar os casos. Em um determinado momento, eles descobrem que os assassinos são os mesmos seres sobrenaturais, chamados de valgs, que ela encontrou no castelo de vidro e que estão sob o comando do rei de Adarlan, armando um ataque à fortaleza dos semiféericos. É nesse ponto em que irá ocorrer a reconexão com o feminino, pois para salvar os semiféericos Celaena vai direto para a linha de frente combater os valgs, e aqui ela completa a sua descida.

Esses seres sobrenaturais se alimentam de raiva e tristeza, e Celaena possui grande quantidade desses sentimentos, como visto no estágio anterior. Assim, os valgs lançam sobre ela imagens de todos aqueles que ela ama, mas que se decepcionaram ou se sacrificaram por ela, deixando a submersa em tristeza e terror. Quando a heroína percebe que esses sentimentos estão consumindo-a ela entende que não precisa deles, e que poderia aceitá-los, bem como aceitar o seu feminino interior. Veja como isso ocorre a partir das seguintes passagens:

A escuridão não tinha fim nem início. Era o verdadeiro abismo que assombrava seus passos havia dez anos, e ela desceu em queda livre, recebendo-o. Não havia som, apenas a vaga noção de seguir na direção de um fundo que poderia não existir, ou que poderia significar o verdadeiro fim. (MAAS, 2022. p. 414).

Nessa passagem fica explícita a sensação da catábase.

Um arranhar de sapatos soou, então a mão pequena e macia de alguém deslizou para ela. Com a bochecha contra o musgo, a jovem princesa que Celaena fora – Aelin Galathynius – estendeu a mão para ela.

— Levante. — disse a menina, baixinho.
 Aelin Galathynius sorriu com a mão ainda estendida.
 — Levante. — falou a princesa.
 Celaena estendeu a mão pela terra entre as duas e tocou os dedos de Aelin. Então se ergueu. (MAAS, 2022, p. 432 - 434).

Demonstra-se aqui a reconexão com o feminino, pois ao aceitar a sua própria oferta a heroína aceita seus sentimentos e o feminino interior permitindo que ela trace o caminho de volta a si mesma e, por conseguinte, derrote os demônios.

8: *Curando a divisão mãe e filha*: nesta etapa há o início da cura da divisão mãe e filha, “essa ferida que ocorreu com a rejeição inicial do feminino” (MURDOCK, 2022, p. 29). Essa rejeição é definida por Murdock de dois modos o (i) individual e o (ii) coletivo, como demonstrado a seguir: (i) “se a psique da mulher “assimilou” a mãe de forma negativa ou destrutiva, ela se separa de sua natureza feminina positiva e tem muito trabalho a fazer para recuperá-la” (2022. p. 156); (ii) “a natureza da ruptura mãe/filha também é determinada pela forma como uma mulher integra a Mãe arquetípica em sua psique, o que inclui a Mãe Terra e a visão cultural do feminino” (2022. p. 156).

A cura dessa rejeição é necessária para que a heroína possa recuperar todo o seu poder feminino, e com isso recuperar alguns de seus valores, suas habilidades, seus sentimentos, sua intuição etc., de acordo com uma nova perspectiva.

Em meu ponto de vista, a cura da divisão mãe e filha ocorre concomitantemente em dois livros: *Herdeira do Fogo* e em *Rainha das Sombras*. Ao fim de *Herdeira do Fogo*, Celaena – agora Aelin – encara sua tia Maeve para pegar as informações de que precisa. Também traça um plano para conseguir derrotar o rei de Adarlan, não mais com a ideia de fazer isso enquanto Celaena, mas como Aelin, princesa de Terrasen.

Em *Rainha das Sombras* a heroína utiliza a máscara de Celaena para seus inimigos, enquanto para seus aliados se apresenta como Aelin. Além disso, a personagem internamente está aos poucos *curando a divisão mãe e filha* porque deixa de assimilar apenas o que era masculino de si, e passa a ter novos valores e perspectivas do feminino.

O feminino nessa jornada se apresenta para mim com o papel social de princesa. Anteriormente à sua reconexão com o feminino nossa heroína apresentou esse papel como algo pejorativo, pois para ela ser princesa era o pior dos pesadelos, tanto pelos acontecimentos demonstrados em *Herdeira do Fogo*, quanto pela ideia de que uma princesa precisaria ter um comportamento diferente do dela. Visto que geralmente uma princesa é aquela de quem se espera um comportamento recatado, submisso, assim, seria impossível considerar que uma princesa poderia ser uma guerreira e, muito menos uma assassina.

9: *Curando a ferida masculina*: de acordo com Murdock, a cura da ferida masculina é necessária para que a heroína consiga integrar o feminino e o masculino posteriormente. Conforme vimos na introdução, autora descreve o masculino do seguinte modo:

O masculino é uma força arquetípica; não um gênero. Assim como o feminino, trata-se de uma força criativa que vive dentro de todas as mulheres e de todos os homens. Quando desequilibrada e *sem vínculo com a vida*, essa força se torna combativa, crítica e destrutiva. (MURDOCK, 2022. p. 176).

Desse modo, ele precisa ser curado e, essa cura é feita por meio do feminino – agora aceito. É o feminino que irá cuidar carinhosamente desse masculino ferido, que o colocará conscientemente em questão, a fim de buscar um equilíbrio.

Em *Império de Tempestades* nossa heroína já aceitou o seu feminino interior e se apresenta como princesa de Terrasen, mas ao retornar para o seu reino é rejeitada por causa de seu passado. Para os membros que restaram da corte de Terrasen, o comportamento de Aelin enquanto Celaena é inaceitável e, para eles uma assassina nunca poderia assumir o trono. Isso é reforçado quando ressaltam que enquanto ela estava viva e que vivia com os luxos que seu “trabalho” lhe resultava, seu povo estava abandonado, sofrendo e morrendo nas mãos do rei de Adarlan. Tal coisa faz que Aelin se revolte e fique com raiva de seu eu antigo. Para se afastar e reverter esse sentimento ela decide sair pelo mundo cobrando suas dívidas, a fim de buscar aliados e formar um exército que a apoie e, a auxilie a salvar seu povo e recuperar seu trono. Posto isso, para mim a cura da ferida masculina vem justamente com essa sobreposição do egoísmo pelo altruísmo. Quando a nossa heroína coloca o interesse dos outros acima dos seus ela consegue controlar o masculino e permitir a integração das duas forças arquetípicas.

10: *Integração do feminino e masculino*: o último estágio da jornada da heroína se constitui com a integração do feminino e masculino, pois “através do casamento sagrado, o *hieros gamos*, a unidade de todos os opostos, a mulher se recorda de sua verdadeira natureza” (MURDOCK, 2022. p. 180). A integração dos opostos faz com que a heroína concilie o seu poder feminino com as habilidades que adquiriu em sua jornada heroica masculina, ou seja, possibilita a união dos dois aspectos de sua natureza. Sendo assim, é com a integração do que há de melhor nos dois que a heroína alcança o seu equilíbrio, de modo que ela possa valorizar e aceitar as suas necessidades e vontades, mas também a dos outros. Acerca disso, Murdock afirma:

Essa é realmente a tarefa da heroína contemporânea. Ela cura enquanto respira, enquanto reconhece sua verdadeira natureza, exalando conhecimento para nosso interior. A heroína se torna a Senhora dos Dois Mundos: ela é capaz de navegar pelas águas da vida cotidiana e também de ouvir os ensinamentos das profundezas. É a

Senhora do Céu e da Terra e do Mundo Inferior. Ela ganhou sabedoria com suas experiências, portanto não precisa mais culpar o outro: ela *é* o outro. Ela traz essa sabedoria de volta para compartilhá-la com o mundo. E as mulheres, os homens e as crianças do mundo são transformados por sua jornada (MURDOCK, 2022. p. 188).

Em relação a história de Celaena, considero que a integração do feminino e masculino ocorre no livro *Reino de Cinzas*. Esse último estágio se apresenta quando Aelin consegue transpor a dualidade princesa x assassina e as unir, como dois lados da mesma moeda. Quando ela os une, ela está completa e pronta para derrotar seus inimigos e se tornar a rainha de Terrasen. Assim, quase ao fim de *Reino das Cinzas*, quando Aelin surge empunhando sua espada de fogo e montada no Senhor do Norte, não temos mais a assassina Celaena ou a princesa Aelin, temos a rainha Aelin, temos uma deusa feita de carne, ossos e fogo. Agora trago aqui uma passagem que representa esse momento:

Maeve estendeu a mão diante da jovem rainha, a escuridão girando na palma em concha.
 — Não restam deuses para vigiar, creio. E não restam deuses para ajudá-la, Aelin Galathynius.
 Aelin sorriu, e Goldryn queimou mais forte.
 — Eu sou uma deusa. — Ela avançou contra eles. (MAAS, 2022. p. 834).

2.3 A jornada da heroína, uma perspectiva individual para o processo de tornar-se mulher

De acordo com o que foi apresentado, a jornada da heroína, elaborada por Murdock, procura exibir a trajetória das mulheres ao buscar o seu eu interior. Com isso, pretendo aqui relacionar o modelo da jornada da heroína com a noção de “não se nasce mulher, torna-se mulher”, buscando unir a psicologia e a filosofia a fim de combater esse constructo social-filosófico imposto sobre as mulheres.

Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, trouxe sua perspectiva filosófica “não se nasce mulher, torna-se mulher” a fim de mostrar que as mulheres não podem ser determinadas, pelo essencialismo imposto sobre elas, afinal trata-se de um constructo determinado pelos homens, que intenciona justificar a inferioridade das mulheres em relação a eles. Esse constructo essencialista é o que será caracterizado como heterodefinição, ou seja, a definição da mulher a partir do ponto de vista dos homens. Foi por meio desta heterodefinição que os homens conseguiram fixar imposições normativas às mulheres. Veja:

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a

fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1970. p. 10).

Desse modo, Beauvoir está expondo que as mulheres não determinam a si mesmas e que os homens se assumem como o universal de todos os seres humanos. Assim, a experiência masculina é aquela que deve ser seguida e almejada, pois eles possuem consciência de que são sujeitos. Seguindo isso, a filósofa diz:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como Outro.” (BEAUVOIR, 1967. p. 09)

Ademais, Andrea Peniche afirma o seguinte:

Há [para Beauvoir], portanto, um peso histórico, social e cultural que impende sobre todas as mulheres e lhes outorga determinada identidade, reduzindo a sua capacidade de autorrealização. É uma violência simbólica que influencia a formação da identidade dos sujeitos femininos, revelando uma hierarquia de poder entre masculino e feminino nas sociedades humanas, nas quais o feminino é apresentado como subalterno, inferior ao masculino. (PENICHE, 2021. p. 10)

Assim, a filósofa afirma que a desigualdade entre mulheres e homens é uma construção ideológica, de modo que as definições essencialistas são infundadas. Por conseguinte, fica evidente que o feminino negativo⁸ é construído de maneira histórico-cultural.

Paralelo a isso, acredito que Murdock considerou essa construção histórico-cultural do feminino negativo, como critério que faz com que as mulheres rejeitem o feminino interior. Dessa maneira as mulheres são levadas a acreditar que o feminino é ruim, e que apenas quando se identificam com o masculino poderão alcançar êxito, retornando ao que foi demonstrado no subitem anterior. Antes de prosseguirmos é preciso pontuar o seguinte, parece-nos que há dois femininos: o feminino negativo, o qual é considerado ruim e inferior ao masculino; e o feminino positivo, o qual é o feminino interior, existente em cada mulher e que não é construído histórico e socialmente.

Entretanto, se há esse constructo histórico-social que define a mulher como o Outro, é possível pensar que haja um elemento que possibilite a mulher a determinar a sua individualidade, logo, a se autodefinir. De acordo com Beauvoir, o Outro não possui consciência do lugar que ocupa, logo “a mulher não tem capacidade para se imaginar como sujeito. A experiência da liberdade acontece quando consegue colocar a possibilidade de ser de modo diferente, de ser-para-si” (PENICHE, 2021. p. 07). Desse modo, quando a mulher sair deste

⁸ Utilizarei esse conceito para tratar do feminino inferiorizado pelo masculino.

estado de incapacidade de se imaginar como sujeito, ela transcende, por conseguinte, é capaz de se autodefinir e de ser-para-si.

Em minha perspectiva, esse movimento das mulheres de transcender e de se afirmarem como sujeito para sair da situação antes imposta, que podemos chamar de emancipação, é semelhante aos estágios de *Descida à Deusa* e de *Reconexão com o feminino*, onde a heroína começa a traçar o caminho de volta a si mesma, diferente do seu estado inicial. Acredito que a sua maneira esses movimentos se completam, pois em ambos as mulheres estão migrando da posição de Outro e de feminino negativo, a fim de se autodefinir e encontrar a sua individualidade, bem como compreender o seu feminino positivo.

Ademais, se as histórias das personagens aqui expostas carregam as características constituintes da jornada da heroína em seu cerne, então é possível considerá-las como exemplos práticos dessa emancipação das mulheres, de modo que, podemos afirmar com segurança que essas personagens podem contribuir com o desenvolvimento de mulheres e garotas no processo de compreender a sua natureza feminina e de ser-para-si.

Considerando o que foi exposto finalizo o capítulo com as seguintes reflexões: a jornada do herói mitológico de Joseph Campbell foi criada com o objetivo de ser universal, mas peca ao não contemplar a jornada interior das mulheres; a jornada da heroína tem o objetivo de resolver a falha da jornada do herói. Ao mesmo tempo, ao compreender os constructos histórico-sociais da condição da mulher, baseado na análise de Simone de Beauvoir, foi possível traçar um paralelo entre a jornada da heroína e a emancipação das mulheres; além disso, a jornada da heroína é um modelo que serve de referência para pessoas reais e para personagens fictícias, como visto na análise comparativa com a personagem Celaena da saga *Trono de Vidro*, sendo assim, essas histórias podem ser exemplos práticos que contribuem ativamente sobre o processo de autodefinição e, por conseguinte, de emancipação de garotas e mulheres.

Capítulo 3

Mulheres na Filosofia

Mulheres são mulheres, todo o tempo. E, todo o tempo, elas representam uma denúncia e uma ameaça de ruptura.

Livia Guimarães,
Mulheres fáceis, mulheres difíceis

O terceiro capítulo deste trabalho tem por objetivo fazer um paralelo entre a presença das mulheres na Filosofia com o que foi visto no primeiro capítulo sobre a presença das mulheres na literatura. Com dito anteriormente, as mulheres sempre fizeram filosofia, diferentemente da literatura – onde as mulheres começaram a escrever e receber prestígios em meados do século XVIII, considerando o que foi apresentado por Woolf – há registros de filósofas desde o seu início, assim, as mulheres compartilham das raízes da Filosofia do mesmo modo que os pré-socráticos. Além disso, pretende-se também, apresentar as razões que guiaram a autora até a realização desse trabalho de conclusão de curso.

3.1 O apagamento das mulheres na Filosofia

A fim de tratar do primeiro objetivo apresentado, é importante dizer que as mulheres filósofas foram apagadas e silenciadas no decorrer de toda a história da Filosofia – utilizando como base o cânone ocidental. As causas para esse apagamento são diversas, mas todas resultam de um único fenômeno, o machismo. Contudo, antes de tratar dessas causas é preciso explicar o que é o apagamento. De forma bem resumida, apagamento quer dizer colocar no esquecimento, e por conseguinte, significa uma rejeição das contribuições realizadas por mulheres para a sociedade e para a filosofia. Assim, apagar as mulheres não é nada além de uma tentativa de desconsiderar todo e qualquer feito de uma mulher, de calar a voz e não reconhecer seus direitos, a fim de torná-las incapazes, seja de pensar, de fazer filosofia, de liderar, ou de realizar qualquer coisa além das tarefas do lar.

Quando falamos do apagamento das mulheres na Filosofia é compreensível pensar que se trata de um absurdo, considerando todo o arcabouço teórico desenvolvido em mais de 2500 anos de história; quando nos lembramos das grandes obras acerca da teoria do conhecimento, de ética, de educação e da política (sem mencionar todas as outras áreas importantíssimas), torna-se difícil acreditar que o apagamento das mulheres é algo existente e palpável. Entretanto, trata-se de dirigir um olhar minucioso para perceber a negligência dos filósofos para com as mulheres. Um exemplo é a ausência das mulheres nos diálogos platônicos – salvo Diotima de Mantinea – além do caso de expulsão de Xantipa (esposa de Sócrates), a qual é retirada do local e considerada dramática por expor sua tristeza e dor, momentos antes da execução de seu marido. Outro exemplo valiosíssimo é a fala de Aristóteles acerca da mulher na Política, em que ele diz: “a relação entre o homem e a mulher consiste no facto de que, por natureza, um é superior e a outra é inferior, um, governante, outra, governada” (ARISTÓTELES, 1998. p. 63 - Pol. 1254b 12-15). Além destes, existem muitos outros que demonstraram as suas opiniões

acerca das mulheres, para citar alguns: Espinosa, Kant, Rousseau e Nietzsche⁹. Observando isso, pode-se inferir que essas raízes se fincaram muito no solo do pensamento filosófico, e mesmo com o avançar do tempo e das teorias, justificaram e permitiram que as mulheres fossem inseridas nesse lugar do Outro, de natureza inferior.

Voltando as causas para esse apagamento, foi apontado que o machismo era o fenômeno determinante. O machismo é uma postura de superioridade masculina sobre as mulheres, de modo que apenas os homens utilizam sua autoridade e poder para decidir e restringir “o que, onde e como” sobre e para as mulheres, como demonstrado na seguinte passagem:

A medida de uma mulher, além de aritmética, também se dá num conjunto de prescrições que abrangem qualidades e propriedades, fins e funções. Novamente, o homem determina. O que ele espera dela? O que ela faz, pode, deve fazer? Ela tem de conhecer duas leis: a do homem, e a do homem para a mulher. (GUIMARÃES, 2008. p. 44)

Ademais, o machismo é fruto do patriarcado, uma forma de organização social baseada na figura do pai/*pater* onde as mulheres são subordinadas aos homens – estrutura que se mantém até hoje. Por sua vez, esse modelo é uma influência direta do platonismo e do aristotelismo, bem como do cristianismo. Desse modo, é possível concluir que esse apagamento é fruto de uma desigualdade entre mulheres e homens, a qual advém de uma estrutura antiga. Também, pode-se depreender que a filosofia justificou por muito tempo esse pensamento, e por conseguinte, essa desigualdade. Contudo, é pertinente destacar que o apagamento das mulheres, na filosofia, na literatura e em diversas áreas, possui outras causas, por exemplo: a sexualização dos corpos das mulheres, o sistema político, a economia, as bases psicológicas (ressentimento e medo), dentre outros.

Entretanto, já foi dito que as mulheres sempre fizeram filosofia, então o que nos leva a pensar o contrário? Para responder essa questão acompanharemos a fala de Juliana Silva:

as mulheres ficaram reclusas em espaços restritos, onde não podiam exercer e desenvolver qualquer atividade ligada ao intelecto e ao bem público. Assim, a imagem das mulheres não poderia estar associada à capacidade racional de pensamento, pois não lhe foi dada a chance de mostrar tais capacidades e habilidades. [...] Como as mulheres não tinham espaço, esses discursos foram realizados pelos homens, que as teceram como o sexo frágil, complexo, limitado e de natureza inferior. (SILVA, 2014. p. 02-03).

Assim, todos esses aspectos, juntamente com os apresentados anteriormente, contribuíram para a formulação do pensamento de que as mulheres não fizeram filosofia.

⁹ Para maiores detalhes vide: As Mulheres e a Filosofia - diálogo entre Maria Luísa Ribeiro Ferreira e Margarida Amaral" in *Revista Faces de Eva*. Estudos sobre a Mulher, Lisboa, húmus, 2016, nº 36, pp. 123-134.

Porém, mesmo com todas essas restrições, a história nos mostra que elas estavam presentes à sua maneira e que contribuíram de algum modo, mas foram silenciadas, esquecidas ou tiveram suas ideias apropriadas por outros filósofos. Isso em mente, podemos citar algumas filósofas que passaram por isso: Olympe de Gouges, pensadora do século XVIII, foi silenciada da pior maneira possível (guilhotinada); Aspásia de Mileto, filósofa e mestre em oratória, e Hypatia de Alexandria, filósofa e matemática, ambas da antiguidade, foram esquecidas; Lélia Gonzalez recebeu por muito tempo apenas o título de socióloga e não de filósofa; Émilie du Châtelet, filósofa também do séc. XVIII, teve algumas de suas ideias apropriadas à Voltaire. É certo que existem várias outras pensadoras, mas não poderemos tratar de todas aqui a fim de não alongar o trabalho. Contudo, no livro *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*¹⁰ (2016), organizado por Juliana Pacheco B. Silva, estão disponibilizados dezenove textos acerca de algumas filósofas, desde a antiguidade até a contemporaneidade, trazendo uma perspectiva histórica e introdutória de suas obras, possibilitando que inúmeras pessoas possam ter acesso a essas informações.

Outrossim, é relevante dizer que, assim como na literatura, no século XVIII nota-se maior presença das mulheres na filosofia, se comparado com a antiguidade e o medievo, e isso pode ser comprovado quando fazemos uma busca acerca das pensadoras dessas épocas e encontramos mais nomes do século XVIII, porém não é possível precisar exatamente os motivos para isso. Por conseguinte, com a chegada do século XIX e da primeira onda feminista, o número de mulheres filósofas é consideravelmente maior. Por isso, acredito que graças ao feminismo – a busca pela igualdade entre homens e mulheres – houve uma ascensão de teorias filosóficas elaboradas por mulheres e de um incentivo para resgatar as antecessoras que foram apagadas.

Entretanto, é visível que as mulheres na filosofia não possuem hoje o mesmo nível de presença que as mulheres da literatura possuem, pois, felizmente, elas conseguiram alcançar um nível de quase igualdade com os homens, enquanto na filosofia este trabalho ainda está sendo executado em pequenos passos. Consequentemente à essa ascensão das filósofas no séc. XIX, verifica-se que as mulheres não mais estão presas em suas casas, não fazem filosofias às escondidas ou sob pseudônimos, elas possuem outros espaços, elas gritam sua voz para o mundo e elas se fazem presentes até quando não são bem-vindas. No entanto, ainda há muito a ser feito.

¹⁰ Vide: SILVA, Juliana Pacheco Borges. (Org.). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

Diante disso, trago dados concretos e os demonstrarei a seguir para que fique claro os índices de presença das mulheres no meio filosófico. A filósofa e professora Carolina Araújo elaborou o artigo *Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017*, a fim de analisar a presença das mulheres na graduação e programas de pós-graduação (PPG) de Filosofia no Brasil. Infelizmente, ela chegou a dados preocupantes, pois a parcela de mulheres nesses programas é muito diferente da parcela de homens. A partir dos dados do INEP e da CAPES, as alunas representam uma média de 36,44% na graduação, 30,6% em relação ao mestrado, e 26,98% em relação ao doutorado (ARAÚJO, 2019. p. 30). A fim de trazer uma perspectiva do Instituto de Filosofia (IFILO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), os editais de ingresso dos PPGs (02/2022) trazem os seguintes dados: de 26 inscrições para o mestrado¹¹ 2 eram de mulheres, e somente 1 foi aprovada¹²; de 30 inscrições para o doutorado¹³ 7 eram de mulheres, dessas 3 foram aprovadas¹⁴. Além disso, Carolina demonstrou que “entre os docentes de pós-graduação, 20,14% são mulheres”, e tal dado é constatado na prática, pois ao observarmos o número de docentes¹⁵ de PPG do IFILO-UFU constam 22 docentes, sendo 4 mulheres. O número de mulheres docentes na graduação é o mesmo (4) em um total de 33 docentes¹⁶. Dessa maneira, é possível observar “um padrão de constante diminuição da proporção de mulheres ao longo da carreira. Em média as mulheres têm 43,6% da oportunidade dos homens, ou seja, os homens têm 2,3 vezes mais chance na carreira” (ARAÚJO, 2019. p. 30). Isso revela que o apagamento das mulheres na Filosofia ainda é algo palpável e que os inúmeros avanços não foram o suficiente para garantir a igualdade entre mulheres e homens no meio filosófico, seja ele acadêmico ou não.

Sendo assim, com base em tudo o que foi apresentado, sabemos que “não há como modificar a invisibilidade que estas mulheres sofreram em seu tempo, mas para que não

¹¹Vide a lista de deferimento de inscrições para o mestrado em: http://www.ppgfil.ifilo.ufu.br/sites/posfil.ifilo.ufu.br/files//media/document//sei_ufu_-_4130506_-_listadeferimentomestrado.pdf

¹² Vide lista dos resultados finais para o mestrado em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLF0OgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5RANx9U6YUOr6VKaRLYNvFFRLuJEJWZYQEVzOLObqVmXNZnzLUuNoBKw0zkym3uqWK9T3VpBq6L-TH3zPoKsUjy

¹³ Vide lista de deferimento de inscrições para o doutorado em: http://www.ppgfil.ifilo.ufu.br/sites/posfil.ifilo.ufu.br/files//media/document//sei_ufu_-_4130583_-_listadeferimentodoutorado.pdf

¹⁴ Vide lista de resultado final para o doutorado em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLF0OgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5RUNgvAH6hjYgMorPW9I2cOGH8tRR6vvMsO2LhM-sNObdQwfnBJ4C6qAEn-ayhdSTbNSX2IKXAVV3xT2IKdVjz

¹⁵ Vide o corpo docente do PPG: <http://www.ppgfil.ifilo.ufu.br/pessoas/docentes>

¹⁶ Vide o corpo docente da graduação: <http://www.ifilo.ufu.br/ifilo/equipe/corpo-docente>

permaneçam ocultas no presente e nem no futuro, é necessário questionarmos e ao menos fazê-las visíveis no agora da filosofia” (SILVA, 2014. p. 07). Desse modo, é preciso buscar alternativas para modificar o futuro das filósofas no meio acadêmico e fora dele, partindo disso, a filósofa Carolina traz algumas indicações do que pode ser feito para corrigir esse desequilíbrio, veja:

Antes de tudo, a sugestão é de que o monitoramento constante desses números seja tarefa da comunidade filosófica como um todo. Uma outra sugestão é de usar o índice do INEP de proporção de mulheres e homens na graduação como parâmetro para a distribuição de bolsas PIBIC, estimulando o ingresso de mulheres na pesquisa. Finalmente, sugere-se que a Capes, em sua avaliação de PPGs, considere a proporção entre homens e mulheres como um dos índices de avaliação no item “impacto econômico, social e cultural do PPG”. Essa política institucional deveria tomar os índices sobre proporção de mulheres concluintes da graduação em Filosofia no Brasil fornecidos pelo INEP como meta para os Programas de Pós-Graduação e solicitar dos PPGs explicações sobre a desigualdade de gênero entre seus membros. (ARAÚJO, 2019. p. 31)

Além dessas sugestões de Araújo, se faz importante buscar outros caminhos visando a reparação histórica das filósofas e de suas teorias, por meio da recuperação de suas obras, da elaboração de pesquisas e materiais que reúnam e façam introduções dessas contribuições, bem como a criação de grupos de estudo/pesquisa desses temas. Para citar alguns exemplos, trago o Grupo de Trabalho (GT) *Mulheres na História da Filosofia*, criado em 2022, que tem por objetivo “estimular o estudo das obras de autoria feminina dando atenção aos seus diferentes estilos e modos de engajamento com os temas tradicionais (e não tradicionais) da filosofia”¹⁷, e o projeto *Nossas Pensadoras*, desenvolvido por mim em colaboração com o PET Paideia, que tem por objetivo valorizar e divulgar estudos produzidos por mulheres¹⁸. Considero que também é necessário um posicionamento mais rígido nas universidades buscando a implementação obrigatória dessas filósofas nos currículos, implementação de cotas para as mulheres para os programas de pós-graduação e, para ocupações de posições de comando, além de elaboração de projetos voltados para as filósofas em formação. Com isso, acredito que aos poucos as barreiras serão rompidas, e que, em um momento não muito distante do nosso, possamos afirmar que as mulheres alcançaram a igualdade e o respeito no meio filosófico.

¹⁷ Vide: <https://www.anpof.org.br/gt/gt-mulheres-na-historia-da-filosofia>

¹⁸ Vide anexo A.

3.2 A jornada da autora

Este subtexto tem por objetivo apresentar as razões que guiaram a autora até a realização desse trabalho de conclusão de curso. Começaremos com perguntas simples que foram realizadas em meados do terceiro período (2019) dessa graduação, as quais foram “quando teremos aulas sobre o pensamento de Simone de Beauvoir e de Hannah Arendt?”, “só existem essas duas filósofas?”, “por que não tive aula com nenhuma professora até hoje?”, “tem alguma professora mulher no instituto?”. Essas perguntas, como podem ver, são simples e ingênuas, frutos de uma inocência presente em todos aqueles que nunca tiveram a experiência de fazer uma graduação; apesar de simples, essas perguntas se enraizaram em mim e ficaram como um alerta.

Com a chegada da pandemia de COVID-19 e a paralisação das aulas tive a oportunidade de ingressar no Programa de Educação Tutorial de Filosofia - Paideia, lá passei a desenvolver algumas atividades do curso e de toda a comunidade da UFU. Isso me permitiu participar de um minicurso sobre *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, e as perguntas adormecidas se despertaram com força total. Em meio a isso eu estava realizando minha primeira pesquisa de Iniciação Científica, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos César Seneda, trabalhando com a epistemologia de David Hume, e na busca das referências bibliográficas encontrei algumas pesquisadoras da área e aquilo me encantou, obviamente, eram poucas, em 20 referências apenas 3 eram de pesquisadoras mulheres, o que me causou um certo incômodo. Adiante, o tutor do Paideia, Prof. Dr. José Benedito, insistiu para que incluíssemos mais professoras/pesquisadoras em nossas atividades, bem como pessoas negras e pesquisadores de estados além do Sudeste brasileiro. Posso dizer que foi aqui que decidi fazer algo diferente, que contribuísse para o conhecimento de filósofas e de suas obras; nesse momento nasceu a minha primeira ideia de projeto que envolvia as mulheres na filosofia, mas por ser uma ideia que não estava totalmente desenvolvida não segui adiante. Em 2021 pude ter acesso a mais obras e conheci outras pensadoras além de Beauvoir e Arendt, e por notar a falta de reconhecimento delas na filosofia, um novo projeto surgiu em minha mente, o projeto *Nossas Pensadoras*. O objetivo era divulgar e dar visibilidade a trabalhos realizados por mulheres, onde professoras filósofas pudessem apresentar uma introdução ao pensamento de alguma pensadora ou de um tema de viés feminista, por meio de videoaulas que foram publicadas no canal do Youtube do

Paideia¹⁹. Seu desenvolvimento se deu somente em 2022 e com muitas dificuldades, mas foi realizado e teve seu fim em junho de 2023.

Regressando um pouco, destaco a importância que a leitura teve em minha vida. Aprendi a ler aos 4 anos por incentivo de minha mãe, e desde então não parei de ler. Os livros sempre foram meus melhores amigos. Migrei entre gêneros, li muito da pequena biblioteca de minha escola e esbanjei alegria e entusiasmo quando encontrei pessoas que tinham esse mesmo amor. Já na adolescência compreendi que meu gênero favorito era a fantasia, e a partir disso fui descobrindo coisas novas e encantadoras. Não é possível deixar de tratar disso, pois boa parte deste trabalho foi realizado a partir de leituras que fiz entre os anos de minha adolescência até o momento presente, e as que foram escolhidas são mais que especiais porque deixaram uma marca em mim. Por esse motivo, trabalhar com as histórias de Amani, Celaena, Katniss, Lia e Safira foi tão satisfatório.

Quando chegou o momento de procurar um tema para realizar o meu trabalho de conclusão de curso inúmeras ideias foram discutidas, até que o prof. Benedito me fez a seguinte pergunta “com o que você realmente gostaria de trabalhar e que te faria feliz?” e eu respondi que ficaria feliz de trabalhar com as histórias que li. De fato, fiquei muito feliz e empolgada com a possibilidade de trabalhar utilizando-as. Acerca da *Jornada da Heroína* de Murdock, o conhecimento sobre ela só surgiu tempos depois, quando tive a possibilidade de apresentar uma comunicação no III Colóquio de Mulheres na Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ela veio para completar o que faltava em minha pesquisa, a fim de dar apoio filosófico e me possibilitar trabalhar com um viés feminista, além disso se tornou uma obra que tenho muito apreço. Com isso, a partir do texto de apresentação, aprofundi a pesquisa e elaborei o artigo *A jornada da heroína na saga Trono de Vidro*, e pude desenvolver nesse trabalho de conclusão de curso outros aspectos que chamaram atenção acerca da jornada da heroína e das histórias que li.

¹⁹ Vide <https://youtube.com/playlist?list=PLNgUDxNJZDADi050hat-Fxk2vEkScqDog>

~ Considerações finais ~

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo.

Mary Wollstonecraft,
Reinvindicação dos direitos das mulheres

Com a publicação de literaturas fantásticas de protagonismo feminino é perceptível um avanço para a literatura como um todo, mas pode-se, principalmente, notar a importância para a representatividade das mulheres em um gênero em que a figura masculina era dominante, tanto os personagens quanto os autores. Anteriormente à ascensão das mulheres nesse gênero, as histórias continham personagens mulheres que não possuíam destaque, ou que possuíam papéis sem qualquer expressão dramática e, em alguns casos, papéis sexistas. Em geral elas ocupavam dois papéis: a mocinha a ser salva ou a recompensa do herói e a vilã/bruxa má. Com isso é possível traçar um diferencial nas personagens mulheres escritas por mulheres, pois seus desenvolvimentos são mais profundos, e elas carregam traços de mulheres reais, o que facilita a nossa identificação com elas.

Nessa perspectiva, trabalhar com a jornada da heroína de Murdock foi necessário para que pudéssemos compreender de maneira melhor as camadas de desenvolvimento das personagens. Chamou-me muito a atenção de que esse modelo foi elaborado visando pessoas, mas também é compatível com personagens fictícias. Por isso nasceu a ideia de que as histórias, de Amani, Celaena, Katniss, Lia, Safira e de muitas outras personagens, poderiam servir como referência para o desenvolvimento de várias garotas e mulheres – do mesmo modo que direcionaram o meu jeito de viver – comprovado com a análise da obra com a narrativa de Celaena e com o paralelo entre *A Jornada da Heroína* e *O segundo sexo*. Além disso, a jornada da heroína se faz importante não só porque não havia um padrão arquetípico que conseguisse abranger todas as camadas do desenvolvimento e da experiência das mulheres em uma sociedade predominantemente masculina, mas porque apresenta uma alternativa ao referencial machista e subversivo que as mulheres seguiam. A obra apresenta para as mulheres um caminho para encontrar e assumir o seu eu interior, ou seja, é um guia para a autodefinição das mulheres.

Ademais, ao problematizar o apagamento e silenciamento das mulheres no decorrer de toda a história da Filosofia ocidental, entendo que não foi dado para o pensamento das filósofas o mesmo valor epistemológico dado aos filósofos. Como visto, apagar as contribuições das mulheres é o mesmo que não reconhecer os seus feitos, por conseguinte, retira-se o valor e o caráter filosófico. Porquanto, as causas mais profundas desse apagamento são o machismo e o patriarcado, pois os homens, a partir da heterodefinição, são os responsáveis por determinar o que a mulher faz, pode e deve fazer, bem como foram eles e suas ideias de superioridade que fomentaram a desigualdade entre mulheres e homens. Essa desigualdade foi apresentada, com auxílio da pesquisa de Carolina de Araújo, a partir de exemplos reais e concretos que demonstram o apagamento das mulheres tanto no meio acadêmico quanto fora dele. Não

obstante, discorri brevemente sobre as contribuições do feminismo para a ascensão das mulheres na Filosofia e apresentei alternativas para que o futuro das filósofas não seja o mesmo de suas antecessoras.

Outrossim, a incorporação de minha trajetória até aqui se fez importante porque demonstra o descobrimento da ausência das mulheres na Filosofia, e a minha vontade de alterar isso. De certo modo, estou em uma jornada heroica como as personagens aqui utilizadas, e a conclusão do curso de graduação, bem como tudo o que realizei nesse processo, pode ser considerado como o fim da minha *estrada de provações*.

Destarte, conclui-se que esse trabalho alcançou todos os objetivos propostos, pois expôs uma perspectiva histórica acerca das mulheres na literatura e na filosofia, bem como apresentou cinco heroínas com o objetivo não só de divulgá-las, mas de demonstrar as contribuições que podem exercer sobre as pessoas que leram suas histórias. Também traçou um paralelo entre a jornada da heroína e uma obra filosófica, e exibiu dados sobre o apagamento das mulheres na Filosofia no meio acadêmico de nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Literatura

- COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- HAMILTON, Alwyin. *A Rebelde do Deserto*. Trad. Eric Novello. São Paulo: Seguinte, 2016.
- MAAS, Sarah J. *Coroa da Meia-Noite*. Trono de Vidro 2. Trad. de Mariana Kohnert. 30ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022a.
- MAAS, Sarah J. *Herdeira do Fogo*. Trono de Vidro 3. Trad. de Mariana Kohnert. 25ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022b.
- MAAS, Sarah J. *Império de Tempestades*. Trono de Vidro 5. Trad. de Mariana Kohnert. 16ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.
- MAAS, Sarah J. *Rainha das Sombras*. Trono de Vidro 4. Trad. de Mariana Kohnert. 22ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.
- MAAS, Sarah J. *Reino de Cinzas*. Trono de Vidro 6. Trad. de Mariana Kohnert. 17ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022c.
- MAAS, Sarah J. *Trono de Vidro*. Trad. de Mariana Kohnert. 15ª Ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.
- PEARSON, Mary E. The Kiss of Deception. In: *Crônicas de amor e ódio*. Trad. Ana Death Duarte. Rio de Janeiro: Darkside, 2017.
- REGGIANI, Laura. *Safira de Prata*. Belo Horizonte: Ed. da Autora, 2020.

Teóricas

- ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, 24(1). 2019. p. 13-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/155750>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Vega Universidade/Ciências Sociais e Políticas, 1998.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*, vol. 2. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: Fatos e mitos*, vol. 1. Trad. Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CAMPBELL, Joseph. *Deusas: os mistérios do divino feminino*. Editado por Safron Rossi, tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. 10ª edição - São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1997.

Corpo Docente da graduação de Filosofia - UFU. Instituto de Filosofia - UFU, 2 mar. 2020. Disponível em: <http://www.ifilo.ufu.br/graduacao/filosofia/corpo-docente>. Acesso em: 3 jun. 2023.

Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação de Filosofia UFU. Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFU, 2 jun. 2023. Disponível em: <http://www.ppgfil.ifilo.ufu.br/pessoas/docentes>. Acesso em: 3 jun. 2023.

GUIMARÃES, Livia. Mulheres fáceis, mulheres difíceis. In: TIBURI, Marcia; VALLE, Bárbara (org.). *Mulheres, filosofia ou coisas do gênero*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 40-52.

FONSECA, Vitória Elís Martins; ALMEIDA JUNIOR, José Benedito. A Jornada da Heroína na saga Trono de Vidro. *Primus Vitam: Revista de Ciências e Humanidades*, nº 14, 2022. Disponível em: https://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_vitam_14.htm. Acesso em: 07 jun. 2023.

Lista de deferimento de inscrições para curso de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFU, 15 dez. 2022. Disponível em: http://www.ppgfil.ifilo.ufu.br/sites/posfil.ifilo.ufu.br/files//media/document//sei_ufu_-_4130583_-_listadeferimentodoutorado.pdf. Acesso em: 3 jun. 2023.

Lista de deferimento das inscrições do curso de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFU, 15 dez. 2022. Disponível em: http://www.ppgfil.ifilo.ufu.br/sites/posfil.ifilo.ufu.br/files//media/document//sei_ufu_-_4130506_-_listadeferimentomestrado.pdf. Acesso em: 3 jun. 2023.

Lista de resultado final do curso de doutorado acadêmico. Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFU, 9 fev. 2023. Disponível em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9Li bXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5RUNgvAH6hjYgMorPWI9I2cOGH8tRR6vvMsO2LhM-sNOBdqwfNBJ4C6qAEn-ayhdSTbNSX2IKXAVV3xT2IKdVjz. Acesso em: 3 jun. 2023.

Lista de resultado final do curso de mestrado acadêmico. Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFU, 14 fev. 2023. Disponível em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9Li bXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5RANx9U6YUOr6VKaRLYNvFFRLuJEJWZYQEVzOLObqVmXNZnzLUuNoBKw0zk ym3uqWK9T3VpBq6L-TH3zPoKsUjy. Acesso em: 3 jun. 2023.

MURDOCK, Maureen. *A Jornada da Heroína*. Trad. de Sandra Trabucco Valenzuela. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

PENICHE, Andrea. Simone de Beauvoir: A liberdade é nossa substância. Jan - 2021. Rev. *Anticapitalista*. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/simone-de-beauvoir-liberdade-e-nossa-substancia/72083> Acesso em: 01 mar. 2023

SILVA, Juliana Pacheco Borges. (Org.) *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

SILVA, Juliana Pacheco Borges. Mulher e Filosofia: onde estão as filósofas? In.: Semana Acadêmica de Filosofia do PPG em Filosofia da PUCRS, 13, 3 a 5 jun. 2014, Porto Alegre. *Anais da XIII Semana Acadêmica de Filosofia do PPG em Filosofia da PUCRS*. Porto Alegre. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 4ª ed. Perspectiva, 2014. Digitalizado por Digital Source.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ANEXO A

Projeto: *Nossas Pensadoras*

Resumo:

O projeto *Nossas Pensadoras* tem um caráter afirmativo, com o objetivo libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica e sexista tão comumente cultuada dentro da Filosofia. O projeto conta com a peculiaridade de ser acessível a todo tipo de público, pelo seu caráter informacional que parte de um conteúdo didaticamente voltado para um público mais amplo do que o de estudantes de filosofia, a fim de levar a todos um breve conhecimento sobre algumas filósofas e suas teorias, criando um caminho de valorização e divulgação desses trabalhos, além de promover a possibilidade de se divulgar as pesquisas das convidadas, dentro das áreas previstas.

Justificativa:

Não é preciso ir muito longe para perceber que há um apagamento das obras das filósofas nos programas de filosofia, livros didáticos e grupos de estudo em geral. Tal fato contribui e muito para a baixa presença de mulheres nos programas de graduação e pós-graduação das universidades brasileiras, apesar das mulheres serem a maioria da população 51,04% (IBGE, 2010), ainda é minoria nas universidades de filosofia, sendo em média 36,44% do total de graduandos, 30,6% do total de mestrandos e 26,98% do total de doutorandos, como mostra Carolina Araújo em uma pesquisa detalhada sobre a presença das mulheres na área de filosofia dos últimos 14 anos. Visto isso, o impacto causado pela ausência do ensino de obras produzidas por pensadoras, contribui também nesse aspecto, porque não é só a falta de um material importante, mas é também uma falta de visibilidade para com as mulheres. Dessa forma, queremos contribuir com a permanência dessas alunas e futuras pesquisadoras e, queremos também favorecer a valorização e destaque à produção filosófica de mulheres, colocando em relevo uma perspectiva decolonial, ou seja, sairmos do universo e cânone eurocêntrico de produção filosófica destacando a presença e a importância de filósofas brasileiras, latino-americanas, africanas, indígenas, orientais bem como especial atenção à presença de filósofas negras. Isso se mostra deveras importante, pois não somente essas filosofias não são devidamente apresentadas e conhecidas, como omite às futuras graduandas em filosofia todo um leque intelectual identificável, tal como toda tradição de Platão à Singer

o é para os homens direta ou indiretamente. Desse modo, compartilhamos do mesmo ponto que a pesquisadora Juliana Pacheco e o reforçamos aqui: é preciso questionar e dar visibilidade a essas pensadoras e suas produções, para que possamos reparar esse apagamento e para que mulheres que se interessam pela área não se sintam excluídas e menos capazes de fazerem filosofia, também para que não pensem que a filosofia é feita só por homens brancos, mas sim, que houve e há contribuições de vozes femininas.

Objetivo Geral:

Tem como objetivo orientador produzir vídeos e podcasts que tratam das teorias filosóficas produzidas por mulheres, num viés decolonialista, mas também apresentando a produção filosófica de mulheres da tradição ocidental e oriental, a fim de gerar diferentes novas abordagens e apresentar um panorama maior dentro da Filosofia, desmistificando a Filosofia eurocêntrica e sexista que se apresenta constantemente.

Objetivo Específico:

- Dar espaço e visibilidade para estudos produzidos por mulheres ao decorrer da história da filosofia, com foco especial para filósofas decolonialistas.
- Valorizar o trabalho das mulheres na Filosofia, a fim de incentivar outras mulheres a continuarem no curso e produzirem pesquisas.
- Contribuir com o movimento feminista, bem como o movimento negro e o feminismo negro;
- Contribuir com a permanência de alunas e futuras pesquisadoras nos programas de Filosofia.
- Realizar um trabalho de divulgação filosófica e, concomitantemente, o amplo acesso do conhecimento por meio dos vídeos e podcasts publicados nas plataformas de streaming, em nosso site e canal no youtube.

Metodologia:

Serão produzidos vídeos com abordagens diferentes, totalizando oito episódios, que vão desde um explanação breve sobre quem era e qual o período a filósofa se encontra e posteriormente, uma explanação introdutória da teoria principal contendo um tempo estimado de 40 minutos a 1 hora (não podendo ultrapassar esse limite) para cada episódio. O processo começa com a convidada gravando o próprio vídeo, utilizando fones de ouvido para uma melhor captação do áudio e com a câmera em modo paisagem, após isso, a convidada deve manda-lo para o representante do projeto via FromSmash, para assim, passar por uma revisão e criação

de roteiro, para que o profissional contratado possa fazer a edição, a qual contará com legendas, imagens, informações relevantes em formato de texto, para que o vídeo fique mais interativo e por fim uma edição em aspectos técnicos, como tratamento de cor e áudio para viabilizar o vídeo no YouTube. Lá estando, se espera que os vídeos atinjam o público das redes sociais do PAIDEIA e alunos da comunidade UFU, bem como a comunidade externa que apresente interesse. As plataformas utilizadas sempre foram locais de grande interação e troca de experiências, assim sendo, esperamos que no caso do projeto não seja diferente em vista que tais temas não são retratados com grande visibilidade.

Metas:

- A meta principal desse projeto é popularizar o conhecimento do trabalho das mulheres na Filosofia ao longo da história, seja decolonial, ocidental e, oriental bem como a valorização desses trabalhos. Para isso, iremos publicar vídeos e podcasts com o intuito de levar esse conhecimento ao maior alcance possível, tanto para o público interno e externo da comunidade UFU.
- A expectativa é que os vídeos/podcasts sejam propedêuticos para os nossos seguidores que estão alheios ao mundo da filosofia dessas pensadoras e também para os que estão inseridos nele.

Avaliação do projeto:

Com o projeto também visamos proporcionar ao público conteúdos de carácter reflexivo, no qual por meio da apresentação dos convidados desfrutamos de pontos de vista, de ordens diferentes. Assim, utilizaremos nosso espaço nas redes sociais para publicar os episódios, com um foco especial para o YouTube. Ao final, reuniremos todos os vídeos publicados em um arquivo no site do Paideia PET – IFILO|UFU, para que possam ficar registradas as produções das convidadas ao decorrer do projeto. Ademais, deixaremos ao fim de cada vídeo as referências para que o público possa encontrar com maior facilidade e ter acesso ao material, além de que deixaremos os comentários abertos para que o público possa deixar suas contribuições, dúvidas (as quais serão enviadas as respectivas palestrantes) e também um espaço para que se ocorra o debate entre esses internautas a fim de promover maiores reflexões.

Público Almejado:

O público-alvo da atividade são todas as pessoas que acompanham as redes sociais do PAIDEIA. Assim sendo, pretende-se atingir tanto leigos, quanto não leigos em filosofia; tanto integrantes do curso de filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, quanto universitários de outros institutos e não-universitários. Temos também, o objetivo de divulgar e incentivar a participação de professoras e professores da Educação Básica em Uberlândia e região de tal modo a subsidiar as discussões sobre filosofia feminista e feminismo no trabalho docente.

Referências:

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, 24(1). 2019. p. 13-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/155750>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SILVA, Juliana Pacheco Borges. Mulher e Filosofia: onde estão as filósofas? In.: Semana Acadêmica de Filosofia do PPG em Filosofia da PUCRS, 13, 3 a 5 jun. 2014, Porto Alegre. *Anais da XIII Semana Acadêmica de Filosofia do PPG em Filosofia da PUCRS*. Porto Alegre. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PUGLIESE, Nastassja. A história da filosofia e as obras escritas por mulheres: uma nota metodológica. Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. *Coluna ANOPF*, 2019. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/a-historia-da-filosofia-e-as-obras-escritas-por-mulheres-uma-nota-metodologica2>. Acesso em: 15 mar. 2022

ANEXO B

Artigo *A jornada da heroína na saga Trono de Vidro*. Este artigo é derivado da apresentação realizada no III Colóquio de Mulheres na Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Com a apresentação novas questões surgiram, a fim de responder uma delas elaborei esse artigo.

Figura 3 – *Primus Vitam*: Revista de Ciências e Humanidade, nº 14 (print da homepage)



Fonte: Disponível em: https://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_vitam_14.htm.
Acesso em: 07 jun. 2023.